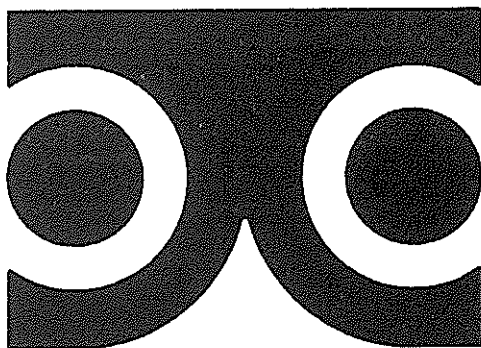


LIVRO
DE
HOMENAGEM
A
Jean Roche

Coordenador
VITOR OLIVEIRA JORGE



Porto
1989

DATAS DE CARBONO 14 PARA A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL: OS DADOS E OS PROBLEMAS

por Susana Oliveira Jorge (★)

Nos últimos anos assistimos à publicação sistemática de grande número de datas de radiocarbono para diversos tipos de estações pré-históricas da área setentrional de Portugal, a norte do rio Douro. Com a divulgação, neste trabalho, de doze novas datas de C14, eleva-se para *trinta e cinco*, o número de dados de cronologia absoluta disponíveis, com vista à reflexão para um futuro ensaio sobre a periodização da Pré-História recente desta região.

Apesar dos conhecidos limites inerentes a este método de datação e do conjunto de variáveis extrínsecas que podem influir na justa análise dos seus resultados, cremos que é possível extrair conclusões aproximadas a partir de *séries de datas* para o mesmo contexto ou contextos similares, *se devi-*

(★) Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Porto.

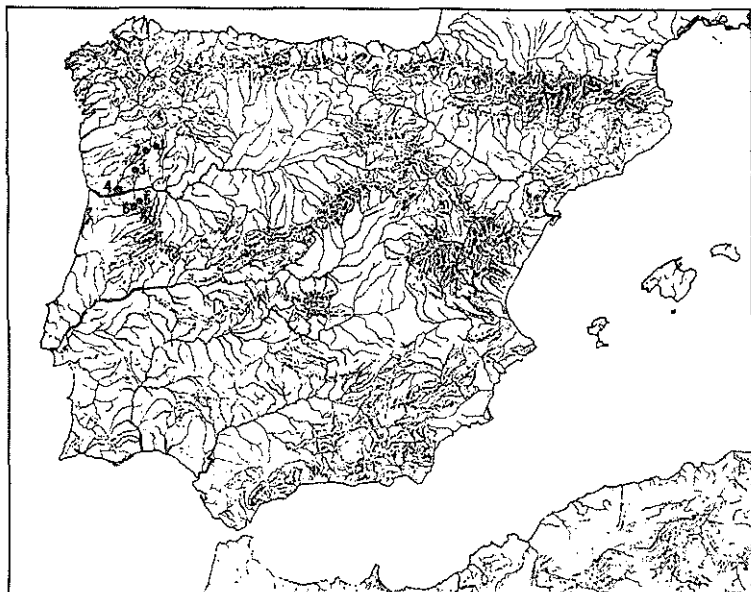


Fig. 1 — Localização na Península das estações datadas mencionadas no texto: 1 — Vinha da Soutilha (Chaves); 2 — Pastoria (Chaves); 3 — Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar); 4 — Estações da Serra da Aboboreira (Baíão); 5 — Orca de Seixas (Moimenta da Beira); 6 — Orca dos Castenairos (Vila Nova de Paiva); 7 — Carapito 1 (Aguiar da Beira).

damente apoiadas na avaliação ponderada dos elementos arqueológicos que os integram.

Dividimos as datas em dois grandes grupos, correspondendo, respectivamente, a amostras provenientes de *sepulcros* (sepulturas com «tumulus» ou planas) (A) e de *povoados* (B). Adentro do primeiro grupo integrámos as datas há muito conhecidas de três monumentos megalíticos da Beira Alta, por considerarmos útil a comparação com a cronologia funerária megalítica duma região contígua à que abordamos neste texto. Trabalhámos, assim, no conjunto, com quarenta datações absolutas relativas a dezassete estações arqueológicas (Figs. 1 e 2).

Em ambos os casos, sepulcros e povoados, começamos por analisar, sempre que possível, conjuntos de datas da mesma estação, ou dos mesmos níveis ocupacionais, comentando, em último lugar, datas isoladas.

Seguindo o critério de muitos investigadores actuais, as datas não foram calibradas, à excepção das de alguns monumentos megalíticos, facto que se deveu à necessidade de as poder comparar com datas de termoluminescência conhecidas para sepulcros similares do Alto Alentejo.

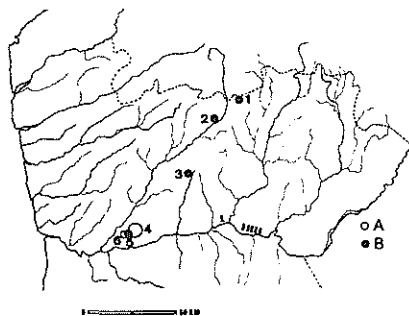


Fig. 2 — Localização no Norte de Portugal das estações datadas mencionadas no texto (A — túmulos; B — povoados): 1 — Vinha da Soutilha (Chaves); 2 — Pastoria (Chaves); 3 — Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar); 4 — Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Ante, Mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Mamoas 1 e 2 de Chã de Santinhos (Baião), Mamoas 1 da Abogalheira (Amarante); 5 — Bouça do Frade (Baião); 6 — Tapado da Caldeira (Baião).

A

1. Adentro do grupo A, as primeiras 25 datações correspondem a *sepulcros* com «tumulus».

- As amostras 1, 2, 3 e 4 provêm da *Mamoas 3 de Outeiro de Ante* (Baião) (1), dólmen simples, provido de «tumulus» (constituído por terra coberta por uma couraça pétreia) delimitado na sua periferia por uma coroa circular também pétreia. As quatro amostras de carvão foram recolhidas do *interior das terras do «tumulus», a várias cotas*.

Como já por diversas vezes foi observado (2) estas datas apresentam *diferenças entre si de grande amplitude*, que só podem ser explicadas por contaminações resultantes, quer da presença de raízes actuais, quer de carvões mais antigos insertos nas terras do «tumulus» *aquando da sua construção*.

No seu conjunto, estas datas, devem, pois, ser encaradas com a maior precaução. A valorização hipotética de uma ou mais datas deste conjunto de quatro só poderá realizar-se em presença duma extensa tabela cronológica que situe de forma segura outros monumentos megalíticos da mesma necrópole ou núcleo funerário, com os quais se possa também estabelecer elos comparativos de índole arqueológica.

- As amostras 5 e 6 são da *Mamoas 2 de Outeiro de Gregos* (Baião) (3), dólmen simples, com «tumulus» idêntico ao do monumento anterior. A amostra n.º 5 foi extraída do *interior das terras do «tumulus»* e a n.º 6 do *paleossolo subjacente ao mesmo*. Estatisticamente usando um grau de confiança inferior a 68% a amostra 5 (KN — 2768) é bastante anterior à amostra 6 (CSIC — 547) (4). A anomalia de tal desfasamento, dada a posição estratigráfica das amostras, poderá dever-se, mais uma vez, à hipotética contaminação da amostra do «tumulus» através da presença de carvões antigos ou de raízes actuais.

Esta hipótese privilegiária, numa primeira análise, a data da amostra n.º 6 (cerca de 3000 a.C.), aliás, recolhida num *solo antigo*, selado por um piso de saibro calcado, depositado no local, pelos construtores do monu-

QUADRO A

Amostra (numeração interna)	Laboratório (número de amostra)	Proveniência	Datação B.P.	Conversão a.C.
1	GIF -- 4857	Mamoas 3 Outeiro de Ante (Baifo)	5.780 ± 80	3830
2	GIF -- 4858	idem	5.540 ± 90	3590
3	GIF -- 4856	idem	4.800 ± 80	2850
4	GIF -- 4859	idem	4.090 ± 120	2140
5	KN -- 2768	Mamoas 2 Outeiro de Gregos (Baifo)	5.500 ± 70	3550
6	CSIC -- 547	idem	4.950 ± 50	3000
7	CSIC -- 656	Mamoas 2 Meninas do Crasto (Baifo)	5.260 ± 50	3310
8	CSIC -- 657	idem	5.260 ± 50	3310
9	CSIC -- 658	idem	5.260 ± 50	3310
10	KN -- 2766	Mamoas 3 Outeiro de Gregos (Baifo)	5.230 ± 75	3280
11	KN -- 2765	idem	5.200 ± 65	3250
12	KN -- 2767	idem	2.510 ± 65	560
13	GIF -- 6784	Chã de Santinhos 2 (Baifo)	4.990 ± 50	3040
14	GIF -- 6785	idem	4.930 ± 50	2980
15	GrN -- 5510	Carapito 1 (Aguilar da Beira)	4.860 ± 40	2900
16	GrN -- ?	idem	4.590 ± 65	2540
17	GrN -- 4924	Orca dos Castaneiros (Vila Nova de Paiva)	5.060 ± 50	3110
18	GrN -- 4925	idem	4.610 ± 50	2660
19	GAK -- 10943	Mamoas 4 Meninas do Crasto (Baifo)	4.220 ± 140	2270
20	CSIC -- 681	idem	3.830 ± 50	1880
21	CSIC -- 660	idem	3.800 ± 50	1850
22	GAK -- 10937	Mamoas 2 Outeiro de Ante (Baifo)	5.920 ± 130	3970
23	GIF -- 6783	Chã de Santinhos 1 (Baifo)	4.980 ± 50	3030
24	KN -- 2955	Mamoas 1 Abogalheira (Amarante)	4.590 ± 85	2640
25	GrN -- 5734	Orca de Seixas (Moimenta da Beira)	4.900 ± 40	2950
26	KN -- 2769	Tapado da Caldeira (Baifo)	3.290 ± 65	1340
27	KN -- 2770	idem	3.210 ± 55	1260

mento funerário.

- As amostras 7, 8 e 9 provêm da *Mamoia 2 de Meninas do Crasto* (Baião), as quais foram só muito recentemente publicadas (5). Trata-se dum *dólmen simples* também recoberto com um «tumulus» idêntico aos anteriores, mas incluindo, adicionalmente, um *anel lítico sub-circular* de tipo provavelmente *simbólico*, em torno da câmara funerária. As três amostras de carvões foram recolhidas no *topo do paleossolo* (também selado por um piso de saibro). É de salientar a *total coincidência das três datações* (3310 a.C.) que fornecem um parâmetro cronológico extremamente seguro para o momento imediatamente anterior à construção do túmulo.
- As amostras 10, 11 e 12 foram retiradas da *Mamoia 3 de Outeiro de Gregos* (Baião) (6), *dólmen simples* envolvido por um «tumulus» semelhante ao da *Mamoia 3 de Outeiro de Ante* ou *Mamoia 2 de Outeiro de Gregos*. As amostras 10 e 11 foram extraídas do interior das terras do «tumulus», enquanto a amostra 12 foi recolhida numa camada de violação existente no fundo da câmara. A data recente desta última (560 a.C.) está, assim, justificada. Quanto às datações das duas amostras do «tumulus», apesar da sua proveniência estratigráfica poder levantar reservas, dadas as anomalias já registadas em outros monumentos, elas são *estatisticamente idênticas*. A sua específica valorização será feita em função do posicionamento de todas as datas relativas aos monumentos com «tumulus» da necrópole da serra da Aboboreira (Baião).
- As amostras 13 e 14 foram recolhidas no *monumento com «tumulus» de Chã de Santinhos 2* (Baião) (7), o qual recobria uma grande *fossa aberta no saibro*, sendo a *mamoia* constituída por terra e uma *couraçã pétreã*. Este notável monumento, provavelmente funerário ou/e ritual, integrava na sua base, na parte inferior do «tumulus», duas *la-reiras estruturadas*, muito provavelmente contemporâneas da construção do monumento, as quais forneceram as amostras datadas. Estas são *também estatisticamente idênticas*, usando um grau de probabilidade inferior a 68%, o que coloca o início da construção deste monumento, entre 3090 e 2930 a.C.
- As amostras 15 e 16 foram recolhidas no célebre grande *dólmen de corredor de Carapito 1* (Aguiar da Beira) (8), o qual possui esteios gravados, tendo fornecido uma *estratigrafia genérica, que seria constituída por duas camadas, eventualmente correspondentes a tumulações feitas em momentos diferentes*. A amostra 15 (GrN — 5510 — 4850 ± 40 B.P.) provém de carvões existentes na *camada inferior, situada na base da câmara*. A amostra 16 (GrN — ? — 4590 ± 65 B.P.) resulta de carvões provenientes duma zona da câmara, próxima da sua entrada, *situada acima da camada inferior*. Utilizando um grau de confiança inferior a 68%, podemos concluir que a *amostra 15 é ligeiramente mais antiga do que a amostra 16*, o que, em princípio, se poderá justificar pelo contexto estratigráfico.
- As amostras 17 e 18 também provêm dum *dólmen de corredor, a Orca dos Castenheiros* (Vila Nova de Paiva) (9). A amostra 17 (GrN — 4924) resulta de carvões do *fundo da câmara* e a amostra 18 (GrN — 4925), de carvões duma *camada situada acima da base*, também no interior da câmara. Tal como em *Carapito 1*, a *diferença estatística das duas datas*, pode, parcialmente, dever-se à posição estratigráfica das amostras. Em ambos os casos, se atendermos às datas mais antigas, podemos pressupor que estes *dólmenes de corredor* terão sido construídos e/ou utilizados pela primeira vez, «grosso modo», por volta de 3000 a.C.
- As amostras 19, 20 e 21 foram recolhidas na *Mamoia 4 de Meninas do Crasto* (Baião) (10). Trata-se dum «cairn» com uma estrutura interna *não conservada, delimitado exteriormente por um anel lítico sub-circular de contenção*. As três amostras de carvão vegetal,

- foram extraídas do *paleossolo subjacente a um nível de saibro calcado*. As amostras 20 e 21 são estatisticamente idênticas, enquanto a amostra 19 é nitidamente anterior à nº. 20. Segundo V.O. JORGE existem diversos factores para privilegiarmos a verosimilhança das datações das amostras 20 e 21 (3830 ± 50 e 3800 ± 50 B.P.). Em primeiro lugar, independentemente da sua aproximação estatística, elas articulam-se com a cronologia provável a que corresponde a tipologia arquitectónica («cairn») e o espólio deste monumento (vaso tronco-cónico e espiral em prata). Em segundo lugar, diversas datações recentemente enviadas pelo laboratório japonês (GAK) para estações do Norte de Portugal, têm-se revelado completamente anómalas, pelo que será de encarar com sérias precauções a datação da amostra 19 (11).
- A amostra 22 foi retirada da *Mamoia 2 de Outeiro de Ante* (Baião) (12), pequeno dólmen simples, envolvido sob um «tumulus» baixo, com as características clássicas de terra e couraça pétrea. Os carvões de madeira foram recolhidos nas terras do «tumulus», sob a periferia da couraça pétrea. Esta datação (aliás isolada) deve ser encarada sob a dupla reserva de provir dum local que não oferece garantias de total ausência de contaminação por raízes actuais e carvões antigos (anteriores à construção do túmulo) e de ter sido realizada num laboratório que tem produzido sistemáticas datações anómalas.
 - A amostra 23 provém de *Chã de Santinhos 1* (Baião) (13), dólmen simples sob «tumulus» do tipo mais corrente (em terra, com couraça de revestimento). É constituída por carvões vegetais *duma lareira estruturada existente na base do «tumulus»*, que tudo indica ser contemporânea da construção do monumento. Embora seja uma data única, as condições de jazida da amostra são de molde a oferecer-nos alguma confiança na sua aceitação provisória. Será devidamente valorizada no conjunto das datações já publicadas para a necrópole da serra da Aboboreira (Baião).
 - A amostra 24 provém da *Mamoia 1 da Aboboreira* (Amarante) (14), dólmen simples, provido de «tumulus» «clássico» (terra sob couraça pétrea e coroa circular periférica), além de *anel lítico sub-circular, em torno da câmara, com função provavelmente simbólica*. A amostra de carvão vegetal foi recolhida «numa camada de cerca de 10 cm de espessura (...) entre 30 e 40 cm de profundidade» (15), deduzindo-se que ela provenha da base das terras do «tumulus». A posição estratigráfica da amostra, na base da mamoa, e o seu carácter isolado, levam-nos a reservar a ponderação do seu maior ou menor valor para o momento da interpretação global do conjunto de datas da necrópole da serra da Aboboreira.
 - Finalmente, entre os monumentos com «tumulus», resta-nos mencionar a *Orca de Seixas* (Moimenta da Beira), da qual provém a amostra 25 (16). Trata-se dum dólmen de corredor, do qual foram recolhidos carvões provenientes da *camada inferior da câmara* (17). Apesar de ser uma data isolada, ela não só situa uma amostra existente na base duma câmara funerária, como apresenta grande proximidade, com outras datas para dólmenes de corredor da Beira Alta, já referidos.
- Assim, à excepção das amostras dos dólmenes de corredor da Beira Alta as dos outros monumentos com «tumulus» não provêm (salvo num caso) do interior da câmara funerária. Foram recolhidas quer no «tumulus», quer no *paleossolo*, quer em *lareiras* estruturadas instaladas na base do «tumulus». As câmaras destes monumentos, sem excepção, estavam todas violadas, impossibilitando, não só a recolha de amostras para datação, como a articulação do espólio das diferentes tumulações com as diversas tipologias arquitectónicas. Neste sentido, também não tem qualquer utilidade imediata tentar fazer ilacções sobre o posicionamento cronológico destes monumentos em relação com o espólio, na maior parte revolvido, que em cada um ocorre. A não ser para detectar, na globalidade, presenças e ausências de determinados artefactos considerados individualizadores de certos parâmetros cultu-

rais, mas este critério tem os seus perigos óbvios, que importa não desprezar. Por ex., salientar que na Mamoa 2 de Outeiro de Ante ocorreu, na câmara violada, cerâmica campaniforme, na Mamoa 3 de Outeiro de Ante, cerâmica lisa e micrólitos geométricos ou no «cairn» da Mamoa 4 de Meninas do Crasto, um vaso tronco-cónico e uma espiral em prata (mesmo que tivéssemos datações absolutas seguras para o momento da construção desses monumentos), não nos permitiria inferir, por si só, a idade relativa dos referidos materiais, quer no interior dos sepulcros, quer no espaço mais amplo da necrópole da serra da Aboboreira. Suspeita-se, contudo, que nesta possa ter havido fenómenos de *coexistência* de arquitecturas e espólios durante a mesma época ou ao longo de um certo período de tempo, como aliás, nos é sugerido pela própria re-

lação entre *arquitectura-data de construção* (ou imediatamente anterior à construção) dos monumentos.

Na verdade, se repensarmos as datas de C14 consideradas verosímeis, a luz dos critérios que expusemos sumariamente, verificamos que os monumentos «com tumulus» se escalonam entre a 2ª. metade do IVº. milénio (particularmente entre 3300 e 2900 a.C.) e os começos do IIº. milénio a.C. (cerca de 1800 a.C.), havendo um acentuado hiato de informação durante a 2ª. metade do IIIº. milénio a.C. Por outro lado, como é facilmente detectável, parecem *coexistir arquitecturas muito variadas, durante os finais do IVº. milénio a.C.*: dólmenes simples sob «tumulus» (Mamoa 2 de Meninas do Crasto, Chã de Santinhos 1, Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos), grande fossa sob «tumulus» (Chã de

QUADRO B

Amostra (numeração interna)	Laboratório (número da amostra)	Proveniência	Datação B.P.	Conversão a.C.
1	UGRA - 133	Vinha de Soutilha (Meiros, Chaves)	4650 ± 150	2700
* 2	UGRA - 176	idem	6730 ± 200	4780
* 3	UGRA - 178	idem	4370 ± 140	2420
* 4	Ly - 3377	idem	4690 ± 140	2740
* 5	Ly - 3375	Pastoria (Chaves)	3040 ± 140	1090
* 6	Ly - 3376	idem	1940 ± 90	10 d.C.
* 7	UGRA - 179	Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar)	4700 ± 100	2750
* 8	UGRA - 185	idem	3930 ± 180	1980
* 9	UGRA - 181	idem	3730 ± 140	1780
* 10	CSIC - 597	Tapado da Caldeira (Baião)	2990 ± 50	1040
* 11	CSIC - 631	Bouça do Frade (Baião)	2720 ± 50	770
* 12	CSIC - 630	idem	2720 ± 50	770
* 13	CSIC - 632	idem	2710 ± 50	760

* Inéditas

Santinhos 2) (Norte de Portugal), dólmene de corredor sob «tumulus» (estes apenas datados na parte setentrional da Beira Alta, em Orca dos Castenairos, Carapito 1, Orca de Seixas).

2. As datações relativas às amostras 26 e 27 dizem respeito a uma *sepultura plana aberta no saibro*, pertencente à necrópole (com 4 sepulturas do mesmo tipo) do *Tapado da Caldeira* (Baião) (18). A sepultura datada (sepultura I) apresentava uma planta sub-retangular e fundo plano, com cerca de 1,60 m de comprimento. Integrava no fundo de uma das extremidades um vaso funerário completo, de carena alta. A amostra 26 (KN — 2769 — 3290 ± 55 B.P.) foi extraída de carvões incrustados na base da sepultura, situados a cerca de 35 cm do seu topo e a 85-95 cm de profundidade relativamente ao solo actual. A amostra 27 (KN — 2770 — 3210 ± 55 B.P.) foi recolhida a cerca de 15 cm acima do local da primeira, perto do fundo do vaso cerâmico mencionado, a 70-80 cm de profundidade do solo actual.

Utilizando, como sempre, um grau de probabilidade inferior a 68%, e apesar do pequeno desvio padrão existente, a *amostra 26 é ligeiramente anterior à amostra 27*. Se considerássemos globalmente as duas datas, sem valorizar nenhuma delas, poderíamos pressupor que a inumação, nesta sepultura, se teria verificado entre 1395 e 1205 a.C., ou seja, durante uma margem de tempo de 190 anos. Se, pelo contrário, privilegiássemos a primeira, por considerarmos que os carvões da amostra mais profunda teriam menor probabilidade de ser contaminados por eventuais raízes ou radículas superficiais, então, aquela margem de tempo diminuiria para 100 anos, e a sepultura poderia ter sido utilizada entre 1395 e 1285 a.C. De momento, não possuímos elementos comparativos para o conjunto da necrópole que nos permitam a aceitação preferencial de uma das hipóteses aventadas. No entanto, um marco em torno de 1300 a.C. para a sepultura I e mesmo para as restantes sepulturas não seria inverosímil, dadas as características tipológicas dos restantes vasos funerários, nomeadamente o da sepultura III, cuja forma e decoração segue um modelo clássico da Meseta, datado genericamente do começo da formação da «cultura» de Cogotas I (19).

B

O segundo grupo de datas (B) é relativo a amostras de madeira carbonizada recolhidas em *povoados de ar livre*.

- As amostras 1, 2, 3 e 4 provêm da estação da *Vinha da Soutilha* (Mairós, Chaves) (20). Todas foram extraídas de estruturas de combustão construídas numa área habitacional durante o *início da sua ocupação mais recente*. A *amostra 1 (UGRA 133)* provém do sector A, camada 3, Lareira 1 (21). Esta lareira tinha o seu topo 50 cm abaixo do solo actual. A observação estratigráfica indica-nos que aquela *terá sido construída num momento inicial da formação da camada*, embora tenha sido utilizada até ao seu final. A *amostra 2 (UGRA 176)* provém do sector A, camada 3, Lareira 3. O seu topo encontrava-se 60 cm abaixo do solo actual. Esta estrutura de combustão abria-se na terra estéril de base, apresentando no fundo da depressão sedimentos acinzentados carbonizados, enquanto o topo da parte central continha abundantes carvões e sedimentos carbonizados que foram utilizados para datação pelo C14. A *camada estéril onde se integrava esta lareira* apresentava manchas acinzentadas esparsas que poderiam eventualmente corresponder a vestígios de matéria orgânica carbonizada provenientes da camada 4 (nível de ocupação mais antigo, no local), existente a cerca de 1 m de distância para oeste, ao mesmo nível da camada estéril. Este facto será de realçar na posterior valorização da datação da amostra, na medida em que poderá eventualmente explicar o seu desfasamento e antiguidade. A *amostra 3 (UGRA 178)* provém do sector A, camada 3, numa área com sedimentos carbonizados (M), com cerca de 5 cm de espessura, cujo topo se encontrava 50 cm abaixo do solo actual. Esta zona ocupava exclusivamente a *parte superior* da camada 3, também numa área de estruturas de combustão. A *amostra 4* (Ly 3377) provém igualmente

do sector A, camada 3, *estrutura de combustão 3*. Trata-se duma pequena lareira construída sobre uma depressão aberta na camada 3, quando esta já apresentava 10 cm de espessura. O seu topo encontrava-se 70 cm abaixo do solo actual.

Assim, todas as amostras provêm da *camada 3 do Sector A, duma área habitacional que fornece importantes dados de ordem estratigráfica e espacial*. A amostra 2 (Lareira 3) integra carvões duma estrutura escavada na camada estéril subjacente; a amostra 3 (M) inclui carvões duma superfície carbonizada localizada no *topo* da camada 3; as amostras 1 (Lareira 1) e 2 (Estrutura 3) integram carvões de estruturas construídas *durante a formação* da camada (Fig. 3, 1).

As datas de C14 agora publicadas no seu conjunto revelam uma apreciável coerência interna relativamente aos dados estratigráficos observados.

Assim, das quatro datas, *duas são estatisticamente idênticas* (UGRA 133 – 4650 ± 150 B.P.; Ly – 3377 – 4690 ± 140 B.P.), tendo sido analisadas amostras integradas na camada 3, em estruturas de combustão que foram utilizadas talvez simultaneamente até ao final da formação da mesma. Acresce que são datas analisadas em *laboratórios diferentes*, o que confere um apreciável grau de confiança na sua utilização. Uma outra data (UGRA 178 – 4370 ± 140 B.P.) provém duma amostra situada estratigraficamente no topo da camada 3, integrada numa área de combustão (M) que terá sido construída numa fase mais recente do que a da Lareira 1 e da Estrutura 3. Estatisticamente, usando um grau de confiança inferior a 68%, esta data pode-se considerar provavelmente *posterior* às acima referidas, embora a diferença (devido ao alto desvio padrão de todas elas) seja quase irrelevante. Apesar de tudo, essa diferença pode ser justificada pela posição relativa das amostras no seu contexto estratigráfico.

Finalmente, a quarta data (UGRA 176 – 6730 ± 200 B.P.) é estatisticamente muito *anterior* a todas as outras. A amostra datada provém duma lareira da camada 3, cuja depressão perfurou sedimentos subjacentes. Apesar de estes serem *arqueologicamente estéreis*, continham minúsculos elementos carbonosos. Assim, a nítida *anomalia* reve-

lada por esta datação, pode, eventualmente, dever-se à *contaminação* da amostra por carvões mais antigos, quer já originalmente inseridos na camada estéril de base, quer casualmente nela integrados devido à proximidade com um nível habitacional anterior (22). Atendendo às três datações que consideramos coerentes (do ponto de vista estatístico e estratigráfico), concluímos que a camada 3 do Sector A, ou seja, a que deve corresponder ao *período inicial da ocupação mais recente nesta área habitacional*, pode ter-se desenvolvido, «grosso modo», entre 2800 e 2300 a.C.. Por outro lado, o contexto arqueológico da estação fornece-nos elementos sobre a organização e dimensão do espaço habitacional, juntamente com uma diversificada e abundante *cultura material, que nos permite integrar o nível datado deste povoado, apesar de evidentes regionalismos culturais, num padrão genérico do comportamento arqueológico comum a diversas comunidades calcolíticas peninsulares* (23). A camada datada insere artefactos constituídos por recipientes cerâmicos globulares predominantemente decorados, pontas de seta, raspadeiras e raspadores, lâminas retocadas, resíduos de cobre arsenical, machados polidos e moinhos manuais, entre os materiais mais significativos (Figs. 4, 5 e 6).

- As amostras 5 e 6 provêm da estação da *Pastoria* (Rebordelo, Chaves) tendo sido recolhidas em *concentrações de carvão de madeira* existentes numa área habitacional pertencente ao *Local 3* (24). Foram extraídas respectivamente da camada correspondente à ocupação mais antiga (camada 3, a 70 cm do topo do solo actual – amostra 5) e à ocupação mais recente (camada 2 (base), a 50 cm do solo – amostra 6). Estas concentrações não derivavam de evidentes estruturas de combustão, que, aliás não foram observadas neste sector.

O Laboratório de Lyon, em carta assinada pelo seu director, Jacques Evin, fez-nos notar, em primeiro lugar, que a amostra 5 (Ly 3375) tinha fornecido uma «quantité relativement faible de matière carbonée disponible après le traitement» e, em segundo lugar, que atribuía o *carácter anómalo das datas* a «... une pollution ou un mélange avec des charbons provenant des conches supérieures

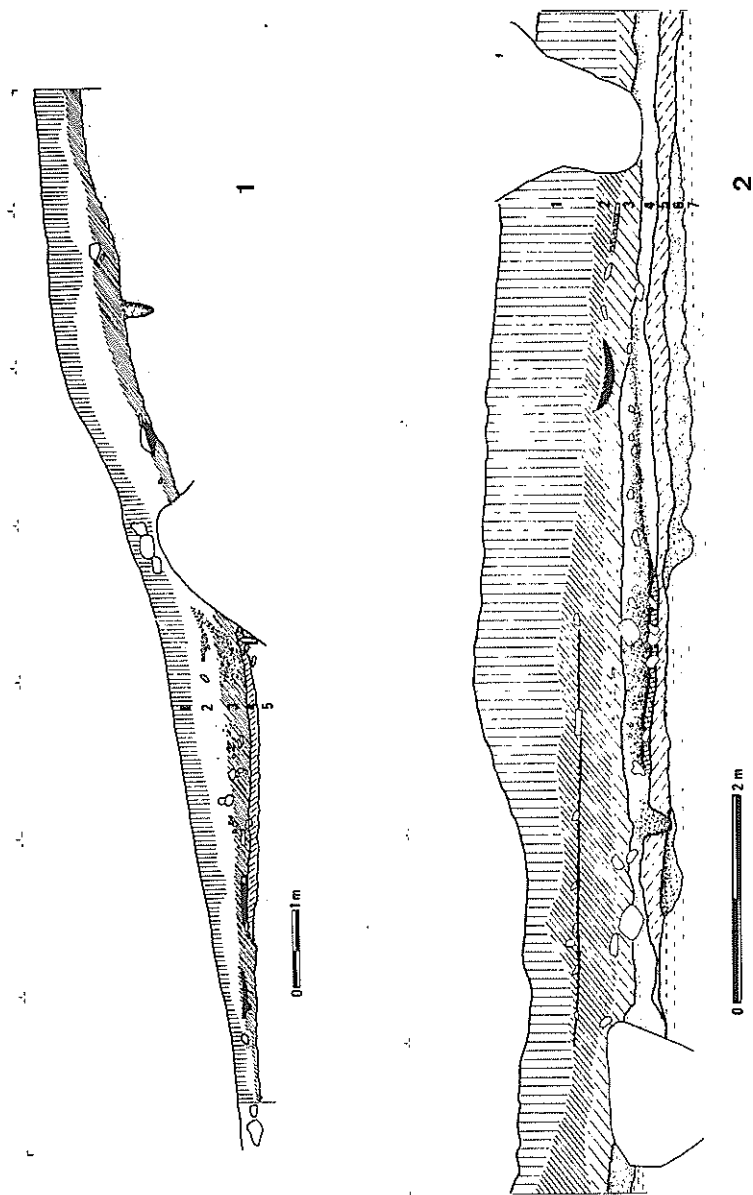


Fig. 3 - 1 - Estratigrafia observada no Sector A da estação da Vinha da Soutilha (Chaves) (v. texto).
 2 - Estratigrafia observada no Local 2 da estação de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) (v. texto).

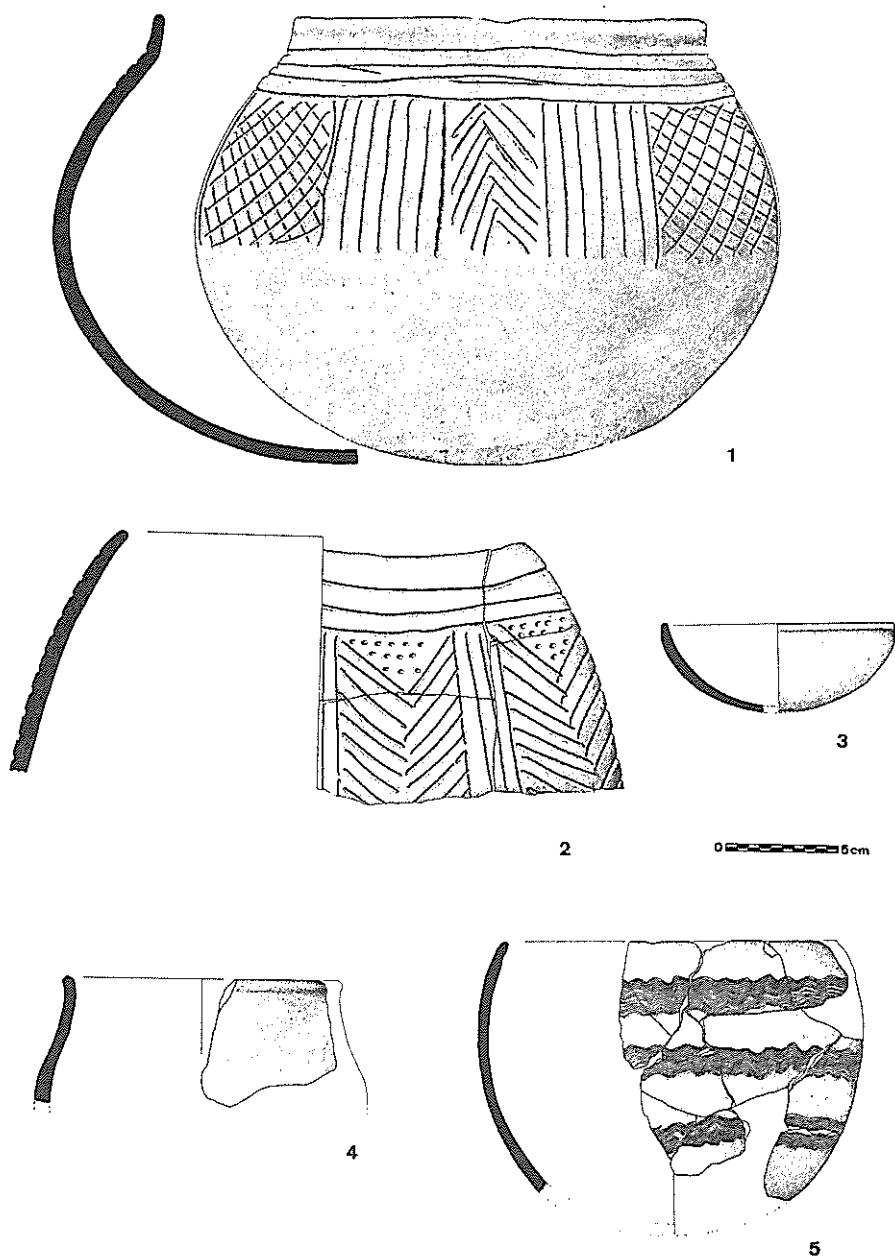


Fig. 4 — Recipientes cerâmicos das estações da Vinha da Soutilha (1, 2, 3) e Castelo de Aguiar (4 e 5) (Desenhos de Maria de Jesus Sanches e Paulo Santos).

ou des racines». Estamos de acordo no que respeita à possível contaminação por raízes ou, eventualmente, por carvões da camada humosa actual, que poderiam ter «migrado» até às camadas arqueológicas, embora as amostras provenham de sítios onde não foi observada qualquer perturbação estratigráfica e tenham sido extraídas de concentração que sugeriam a existência de combustões localizadas. Os resultados agora apresentados advertem-nos para o facto de, neste sector, não existirem as condições ideais para a recolha de amostras de carvão para datação pelo C14 (25) e aconselham-nos

a procurar outros métodos alternativos de datação absoluta e/ou a tentar encontrar, em outras áreas, sedimentos mais espessos que tornem difícil a possibilidade de contaminação por raízes ou carvões actuais.

O contexto arqueológico da estação indica-nos estarmos em presença dum povoado do *mesmo âmbito cultural do da Vinha da Soutilha*, embora na Pastoria, na ocupação mais recente, ocorra adicionalmente cerâmica campaniforme (marfítime-variante linear) e diversos artefactos em cobre arsenical de morfologia calcolítica.

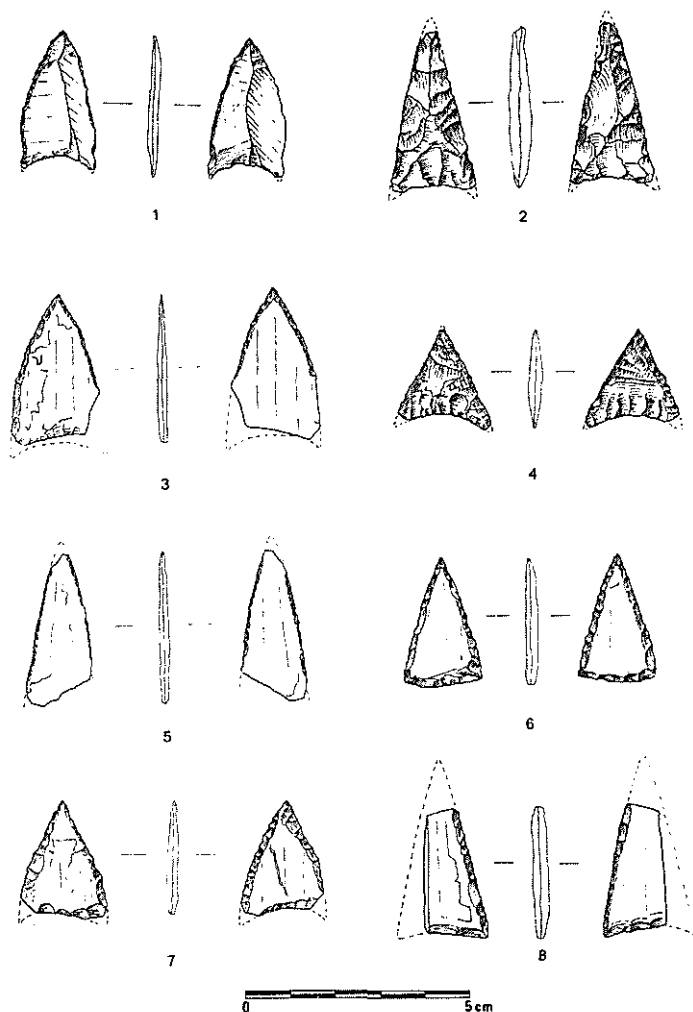


Fig. 5 — Pontas de seta em xisto, corneana e sílex da estação da Vinha da Soutilha.

- As amostras 7, 8 e 9 provêm duma área habitacional da estação pré-histórica de *Castelo de Aguiar* (Telões, Vila Pouca de Aguiar) (26). A *amostra 7* (UGRA 179) foi recolhida no Local 2, no nível mais antigo da ocupação do sítio (camada 6) a cerca de 2 metros de profundidade do solo actual, a partir de grandes fragmentos de madeira carbonizada encontrados na base do referido nível. A *amostra 8* (UGRA 185) foi extraída, também no Local 2, na base do segundo nível de ocupação (camada 4), a cerca de 1,5 m de profundidade do solo actual, numa área que revelou abundantes vestígios de combustão associados a moinhos manuais e outros artefactos de carácter doméstico. A *amostra 9* (UGRA 81), também do Local 2, provém do topo do segundo nível de ocupação (camada 4), a cerca de 1,40 m do solo actual (Fig. 3, 2). Foi extraída da parte superior de uma das várias concentrações de madeira carbonizada ali existentes, as quais não apresentavam qualquer estruturação evidente.

Assim, uma amostra data o nível mais antigo (UGRA 179 — 4700 ± 100 a.C.) e duas outras o segundo nível de ocupação, respectivamente, a sua fase inicial e final (UGRA 185 — 3930 ± 180 B.P. e UGRA 181 — 3730 ± 140 B.P.). As três apresentam uma significativa coerência interna relativamente aos dados estratigráficos e arqueológicos observados. Estatisticamente a primeira data é nitidamente anterior às outras duas. Provém do nível mais antigo, o qual se encontra separado do posterior por uma camada arqueológica estéril (camada 5).

As outras duas datas (UGRA 185 e 181) apresentam entre si uma ligeira diferença, em parte devido ao alto desvio padrão de ambas, o qual determina que a provável diferença entre as duas seja estatisticamente mais pequena do que a comparação entre os valores médios deixa pressupor. Contudo, esse diferença pode parcialmente ser justificada

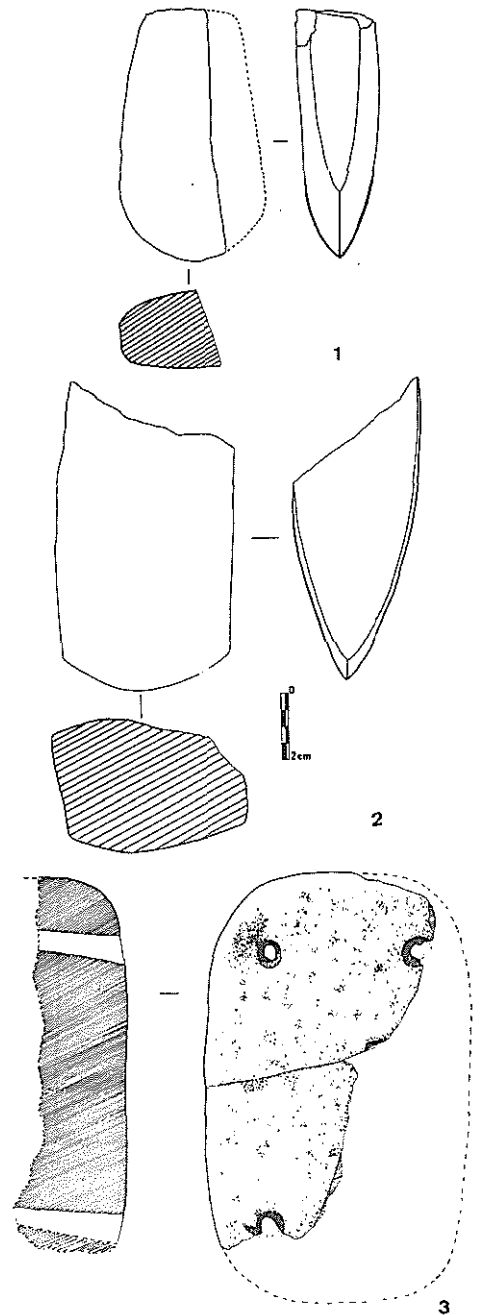


Fig. 6 — Machados polidos (1 e 2) do povoado da Vinha da Soutilha e provável peso de tear, em cerâmica, de Castelo de Aguiar (3).

pela posição relativa das amostras no seu contexto estratigráfico.

Atendendo às três datações mencionadas, e dado que elas não inviabilizam a análise do contexto arqueológico dos respectivos níveis habitacionais, pensamos poder sugerir que o *início da ocupação deste local* se terá realizado durante a *1ª. metade do IIIº. milénio a.C.*. A segunda ocupação, mais extensa, será já dos *inícios do IIº. milénio a.C.*, «grosso modo», entre 2000 a.C. e 1700 a.C..

Com efeito, a primeira ocupação, ofereceu vários fragmentos cerâmicos, alguns deles tipologicamente aproximáveis a outros da estação da Vinha da Soutilha, enquanto que a segunda ocupação integrava artefactos que estilisticamente são facilmente assimiláveis aos da ocupação com cerâmica campaniforme da estação da Pastoria (Figs. 4 e 6).

No conjunto, as seis datas consideradas coerentes, provenientes das estações da Vinha da Soutilha (Mairos, Chaves) e Castelo de Aguiar (Telões, Vila Pouca de Aguiar), devidamente articuladas com a interpretação dos respectivos contextos arqueológicos, assumem-se como elementos de grande significado para a identificação de povoados cuja «cultura material» sugere semelhanças formais ao longo dum amplo período de tempo.

- A amostra 10 (CSIC—597 — 2990 ± 50 B.P.) provém dum área espacialmente contígua à utilizada pela necrópole de sepulturas aberrantes no saibro do *Tapado da Caldeira* (Baião) (27). Contudo, foi recolhida de uma *lareira* (delimitada por argila), sobre a qual repousava um grande fragmento de tronco de árvore carbonizado. Esta *lareira* integrava-se na única camada fértil existente no local (estrato 2 B), a cerca de 25 cm do topo do solo actual, e a 10 metros para NE (em linha recta) da sepultura II da referida necrópole.

Não sabemos se tal estrutura de combustão se integrará num nível de habitação que se sobrepôs à necrópole ou, mais provavelmente, se deverá inserir num *espaço funerário e cultural* também ele posterior que comportava, não só aquela e esta *lareira* (ritual?), como testemunhos de índole diversa. No mesmo nível fértil que cobre a necrópole (genericamente datada em torno de 1300 a.C.), foi detectado, sobre a sepultura III, um vaso inserido

numa «fossa» (aberta na própria terra que se acumulara sobre aquela), com uma tipologia clássica do Bronze final (28). Este facto, aliado a outros dados resultantes de escavações realizadas em outras estações da região onde o local se integra, levam-nos a não ignorar a verosimilhança genérica desta datação (1040 a.C.), apesar de ser única e do problemático valor do seu contexto estratigráfico.

- As amostras 11, 12 e 13 foram recolhidas no topo da área habitacional da estação da *Bouça do Frade* (Baião) (29). Nesta área, o *único nível fértil arqueológico* (camadas 2 e 3) integrava diversas fossas e buracos de poste abertos não só no solo de habitação, como no saibro. Junto a um grande afloramento que delimita um esporão virado a sul, o nível arqueológico apresentava uma sub-divisão estratigráfica (Fig. 7). As amostras 11 e 12 (CSIC—631 — 2720 ± 50 B.P. e CSIC—630 — 2720 ± 50 B.P.) foram ambas extraídas dum *estrato com madeira carbonizada*, o qual corresponde ao *topo dum camada estéril de base* (camada 4), a cerca de 1 m do solo actual. Estas duas datações idênticas estabelecem, assim, de forma consistente, o «terminus post quem» do nível arqueológico que lhe sucede. Mas este nível é decomponível em duas fases: a fase da intensa ocupação (camada 3) e a fase do seu abandono (camada 2). Entre uma e outra foi descoberto, no local, um espesso e bem preservado tronco carbonizado que fazia parte de uma estrutura (de madeira e pedras) adossada ao afloramento já referido. A amostra 13 (CSIC—632 — 2710 ± 50 B.P.) foi retirada desse tronco, que selava assim a camada 3, a cerca de 75 cm do solo actual, e a sua datação estabelece o «terminus ante quem» da mesma (Fig. 7). Podemos, pois, afirmar que, no *topo do povoado da Bouça do Frade*, a fase da sua intensa ocupação se verificou, usando um grau de confiança inferior a 68%, entre 820 e 710 a.C., e, também que o tempo que medeia entre o seu início e o seu abandono foi relativamente curto, na medida em que as *três datas, são estatisticamente idênticas*. O contexto arqueológico desta zona insere-se indiscutivelmente no Bronze final, integrando, entre

as cerâmicas finas, fragmentos decorados de «tipo Baiões» que, na Beira Alta, também já haviam sido indirectamente datados do séc. VIII a.C. (30) (Figs. 8 e 9).

As três datas agora publicadas deverão apenas situar a ocupação da área superior do morro onde

se encontra o povoado. Na verdade, este tem vestígios de habitat que abarcam uma vasta zona, desde a sua base até ao topo, não dispendo nós, neste momento, de elementos totalmente seguros que nos permitam afirmar a total simultaneidade da ocupação da estação em qualquer dos seus sectores.

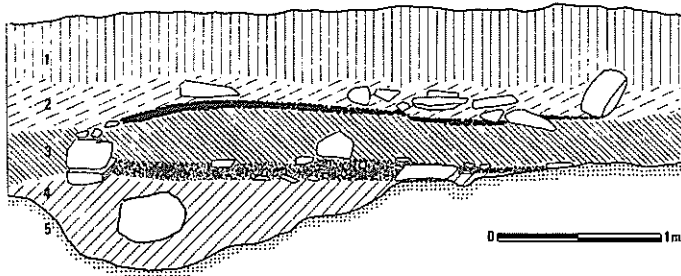


Fig. 7 — Estratigrafia observada num sector escavado no topo do povoado da Bouça do Frade (Baião) (v. texto).

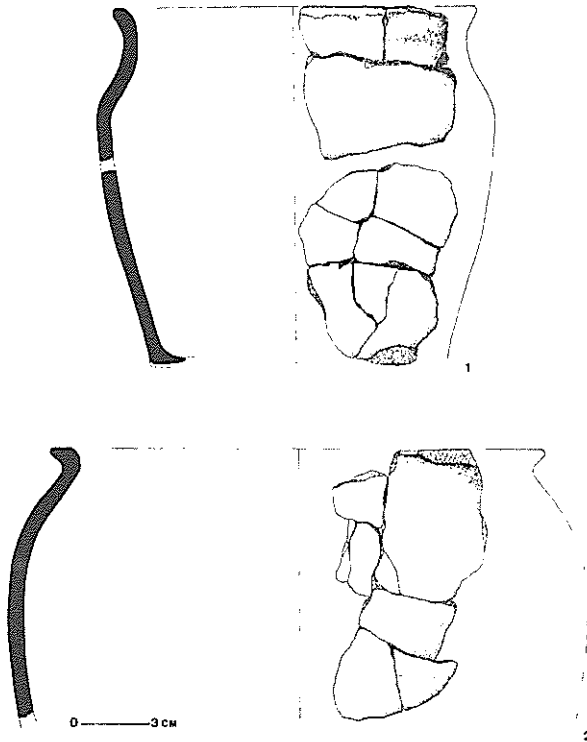


Fig. 8 — Fragmentos de vasos cerâmicos do povoado da Bouça do Frade (Baião) (Desenhos de Maria de Jesus Sanches).

C

Do conjunto das quarenta datas apresentadas seleccionámos apenas vinte e oito, tendo decidido não considerar provisoriamente doze, em função dos seguintes critérios: — *datas obviamente anómalas, dado o contexto arqueológico e/ou a informação do laboratório de datação* (datas dos povoados da Pastoria, 5-Ly 3375, 6-Ly 3376 e da Vinha da Soutilha, 2-UGRA 176); — *datas isoladas, provenientes das terras dos «tumuli» ou da base dos monumentos em contextos não selados ou não provenientes de lareiras estruturadas* (Mamoia 2 de Outeiro de Gregos — 5-KN 2768, Mamoia 2 de Outeiro de Ante — 22-GAK 10937, Mamoia 1 da Abogalheira — 24-KN 2955); — *data resultante dum camada de violação do interior dum câmara megalítica* (Mamoia 3 de Outeiro de Gregos — KN 2767); — *série anómala de datas para as terras do «tumulus» dum monumento megalítico* (Mamoia 3 de Outeiro de Ante, GIF — 4857, 4858, 4856, 4859); — *data proveniente do topo do paleossolo dum «cairn»*, dado o desfasamento relativo a outras duas datas para amostras do mesmo nível estratigráfico produzidas em laboratório diferente, mais conformes com o contexto arqueológico observado (Mamoia 4 de Meninas do Crasto, GAK — 10943).

Recorrendo aos mesmos processos estatísticos utilizados para verificar a diferença ou semelhança de duas datas agora numa amostragem de conjunto (análise de variância) (31), detectámos facilmente os seguintes agrupamentos, cuja eventual diferença temporal não é estatisticamente significativa em função dos parâmetros da análise:

1º. grupo — A	7	— CSIC 656	(5260 ± 50)
	8	— CSIC 657	(5260 ± 50)
	9	— CSIC 658	(5260 ± 50)
	10	— KN 2766	(5230 ± 75)
	11	— KN 2765	(5200 ± 65)
2º. grupo — A	17	— GrN 4924	(5060 ± 50)
	13	— GIF 6784	(4990 ± 50)

3º. grupo — A	13	— GIF 6784	(4990 ± 50)	
	23	— GIF 6783	(4980 ± 50)	
	6	— CSIC 547	(4950 ± 50)	
	14	— GIF 6785	(4930 ± 50)	
4º. grupo — A	6	— CSIC 547	(4950 ± 50)	
	14	— GIF 6785	(4930 ± 50)	
	25	— GrN 5734	(4900 ± 40)	
5º. grupo — A	25	— GrN 5734	(4900 ± 40)	
	15	— GrN 5510	(4850 ± 40)	
6º. grupo — A	18	— GrN 4925	(4610 ± 50)	
	16	— GrN ?	(4590 ± 65)	
	B	4 — Ly 3377	(4690 ± 140)	
		1 — UGRA 133	(4650 ± 150)	
		7 — UGRA 179	(4700 ± 100)	
	7º. grupo — A	20	— CSIC 661	(3830 ± 50)
		21	— CSIC 660	(3800 ± 50)
B		8 — UGRA 185	(3930 ± 180)	
8º. grupo — A	20	— CSIC 661	(3830 ± 50)	
	21	— CSIC 660	(3800 ± 50)	
	B	9 — UGRA 181	(3730 ± 140)	
9º. grupo — B	11	— CSIC 631	(2720 ± 50)	
	12	— CSIC 630	(2720 ± 50)	
	13	— CSIC 632	(2710 ± 50)	

Saliente-se que as datas A 13, 6, 14 e 25 ocorrem, cada uma, em dois grupos simultaneamente, devido à grande proximidade global das datas de monumentos com «tumulus» em torno de 3.000 a.C.. É aliás, entre cerca de 3.300 a.C. e 3.000 a.C., que a ocorrência dum maior número de datas para o mesmo tipo de estação e, por outro lado, a menor variação dos seus desvios-padrão, permite, de momento, um conjunto mais homogéneo e amplo de dados cronológicos, com inegável valor para a periodização do fenómeno megalítico nas regiões mencionadas neste trabalho.

Por outro lado, as datas A 20 e 21 agrupam-se duas vezes, respectivamente com B8 e B9 assinalando a global contemporaneidade dum «cairn» da

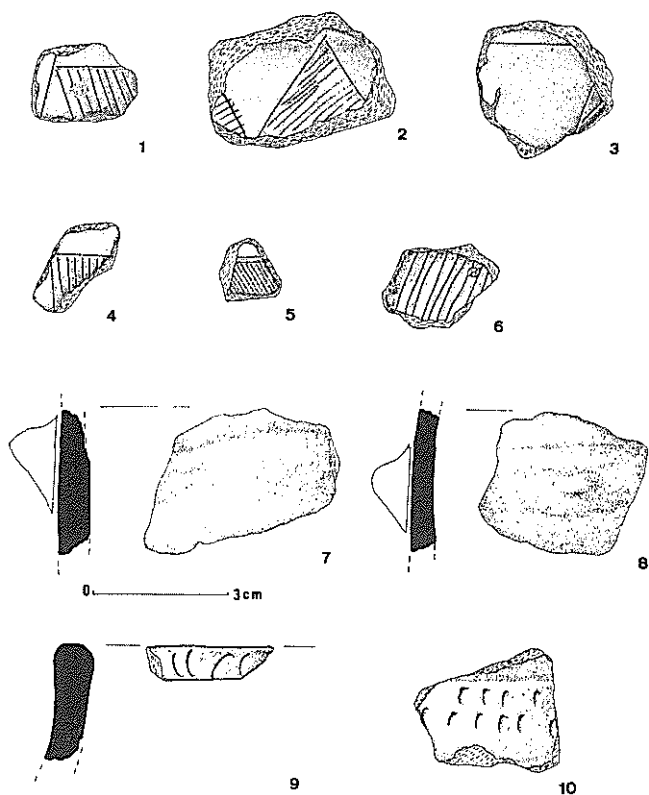


Fig. 9 — Fragmentos de recipientes cerâmicos do povoado da Bouça do Frade (Baião)
(Desenhos de Maria de Jesus Sanches).

Aboboreira em relação à segunda ocupação pré-histórica do povoado de Castelo de Aguiar. Finalmente verifica-se a contemporaneidade estatística das datas A 18, 16 e B 4, 1, 7 correspondendo à construção de sepulcros megalíticos de corredor da Beira Alta e à ocupação inicial dos primeiros povoados sedentários conhecidos no Norte de Portugal (Figs. 10 e 11).

D

É óbvio que o esboço de cronologia sugerida pelo conjunto de datações, agora avaliadas em conjunto, poderia suscitar um longo debate sobre os problemas de ordem especificamente pré-histórica que ela proporciona. Mas não consideramos que es-

tejam ainda reunidas todas as condições (principalmente dados publicados sobre um grande número das estações envolvidas neste trabalho) para nos abalancarmos a uma síntese, necessariamente precária e ambiciosa, sobre a evolução da Pré-História recente durante cerca de três milénios nesta tão vasta região.

Limitarmo-nos-emos a algumas reflexões gerais tomando como ponto de partida as estações datadas, no seu *contexto regional*, esforçando-nos por fugir à tentação de generalizações abusivas, formulando sobretudo *questões e observando os limites da nossa própria investigação*, critérios mínimos, sem os quais seria inútil tentar empreender a tarefa de interpretar a acção humana materializada em tão escassos e fragmentários vestígios arqueológicos.

Começemos por considerar o que é um dos factores limitadores da nossa própria base de estudo, sobre a qual vai assentar, afinal, toda a discussão subsequente: *a assimetria das cronologias regionais*. As datas consideradas dizem respeito a estações situadas em *três áreas distintas*, bem circunscritas: os distritos de Viseu e da Guarda (Centro-Norte), a serra da Aboboreira no distrito do Porto (Norte de Portugal) e pontos isolados das bacias hidrográficas do Tâmega e do Corgo, no distrito de Vila Real (Norte de Portugal) (Fig. 1). Acresce que em uma

dessas três regiões apenas foram datados povoados (Vila Real), em outra (Viseu/Guarda) apenas monumentos megalíticos e na terceira (Porto) sepulcros «com tumulus» e um povoado, sendo os primeiros maioritariamente megalíticos. Esta assimetria de dados cronológicos em função do tipo de estações reflecte de facto, uma realidade arqueológica observada, nas diversas regiões. Mas ela pode resultar tão só, de falta de prospecções sistemáticas em, pelo menos, duas das áreas estudadas, facto que compromete seriamente a eficácia da nossa in-

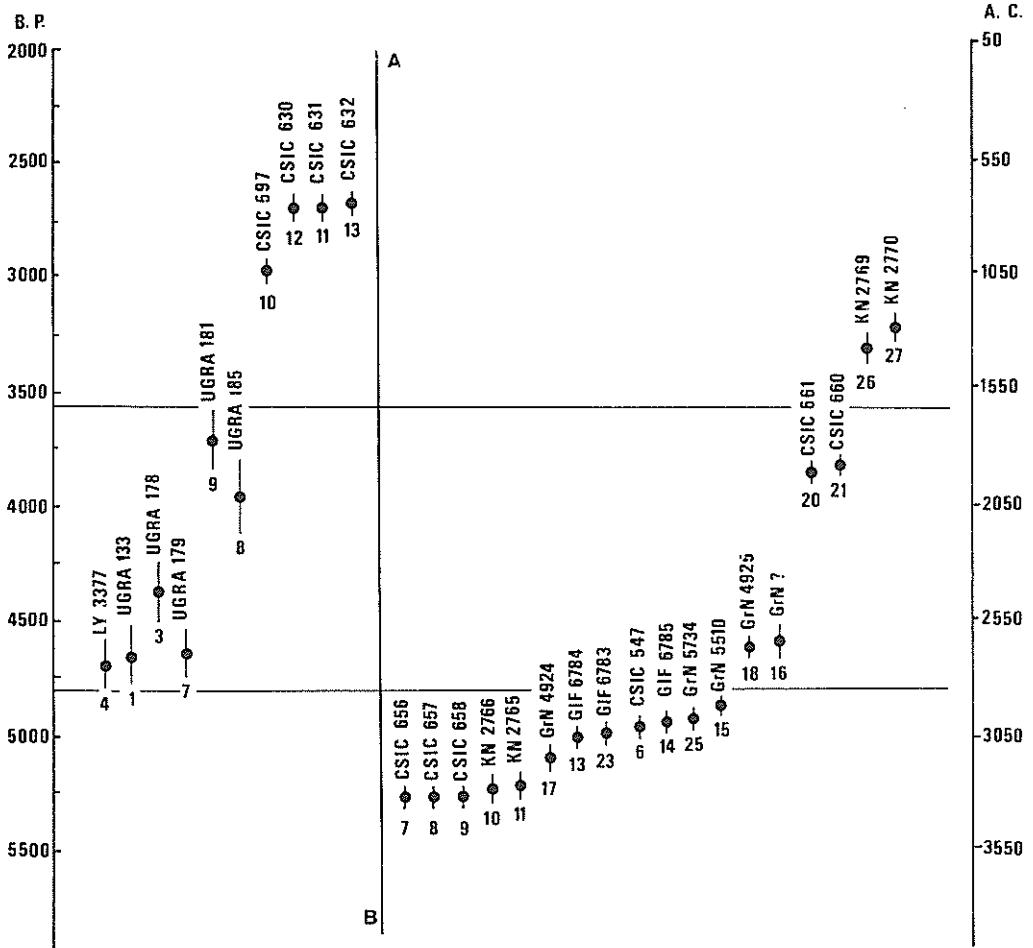


Fig. 10 — Representação gráfica das datas de radiocarbono seleccionadas. Linha vertical central separa séries de datas de sepulcros (A) e de povoados (B). Linhas horizontais marcam os limites cronológicos, respectivamente do nível datado mais antigo do povoado da Vinha da Soutilha e do nível datado mais recente da segunda ocupação de Castelo de Aguiar. Cada data está identificada pela numeração interna seguida no texto e número da amostra do respectivo laboratório de C14.

terpretação, na medida em o presente esboço cronológico se assume, logo à partida, *fragmentado*, como se representasse uma matriz articuladora de quatro variáveis (região A/B — povoados/sepulcros) ao longo duma sequência temporal, na qual se ignoram os dados cruzados para a mesma época.

Mau grado esta importante limitação, analisemos algumas das principais constatações produzidas por este, apesar de tudo, sugestivo conjunto de dados.

— Tomando globalmente os monumentos sepulcrais com «tumulus» datados da Beira Alta (Centro de Portugal) e da serra da Aboboreira (Norte de Portugal), verificamos que *os mais antigos* (dólmenes simples) se integram na 2ª. metade do IVº. milénio. Mesmo se calibrássemos as três datações análogas da Mamoa 2 de Meninas do Crasto (Baião) (3310 ± 50 a.C.), estas não recuariam para além de 4350 A.C., nem seriam posteriores a 3870 A.C. (32), o que significa que os dólmenes

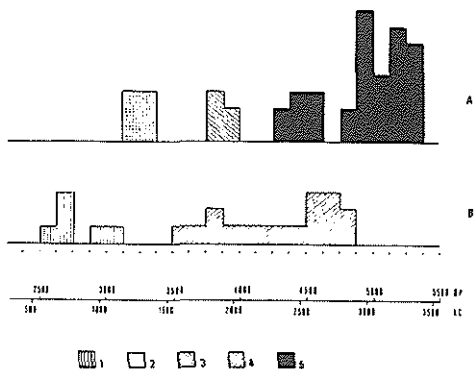


Fig. 11 — Histogramas simples representando, em separado, datas de C14 de sepulcros (A) e de povoados (B): 1 — Bouça do Frade e Tapado da Caldeira; 2 — Tapado da Caldeira; 3 — Mamoa 4 de Meninas do Crasto; 4 — Castelo de Aguiar e Vinha da Soutilha; 5 — Carapito 1, Orca dos Castenairos, Orca de Seixas, Mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos, Mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto, Mamoas 1 e 2 de Chã de Santinhos.

(Neste histograma as unidades correspondentes a cada data não foram ponderadas em função da margem do desvio padrão de cada uma. Pretendeu-se dar apenas uma *leitura global* do conjunto de todas as datas, correlacionando-as com os vários tipos de estações).

simples desta região a norte do Douro são, em média, cerca de 400 anos mais recentes do que os sepulcros de corredor curto do Alentejo, como Poço da Gateira 1 e Gorginos 2, se atendermos às datações pela termoluminescência destes últimos (Ox TL 169b — 4510 ± 360 A.C.; Ox TL 169c — 4440 ± 360 A.C.) (33). Convém, no entanto, não esquecer o grande desvio padrão destas datas, o qual coloca, num grau de confiança inferior a 68%, o seu limite inferior entre 4150 e 4080 A.C.. Por outro lado, a alta cronologia destes monumentos megalíticos não foi ainda confirmada por outras datações, pelo que a sua hipotética antiguidade deve ser encarada com a natural precaução.

Na Galiza conhecemos duas datas de C14 para dois monumentos megalíticos (dólmenes simples muito destruídos, com «tumulus» sob couraça pétreia): *Mamoa 1 de As Rozas* (Campo Lameiro, Pontevedra) (GAK 11189 — 5150 ± 140 B.P. — 3200 a.C.) (34) e *Mamoa 1 de Chan da Cruz* (Vilaboia, Pontevedra) (GAK 11395 — 5980 ± 120 B.P. — 3940 a.C.) (35). Ambos os monumentos, muito violados, forneceram no seu espólio, microlitos, pontas de seta (de base triangular, com ou sem esboço de aletas), fragmentos de cerâmica pouco característica, à excepção de, na Mamoa 1 de As Rozas, um fragmento de cerâmica «penteada» e outro decorado com punção arrastada (designado pelo autor de «Boquique»).

Lamentavelmente as duas datações foram produzidas por um laboratório que tem de forma sistemática enviado datas anómalas, que se caracterizam precisamente por serem extraordinariamente altas para contextos arqueológicos bem caracterizados pela sua homogeneidade e feição tardia (36). Ambas as datações provêm de lareiras existentes na base das mamoas, consideradas contemporâneas do momento de construção dos monumentos. Dado o seu *carácter isolado*, o seu grande desfasamento (e a sua grande diferença) e dadas ainda as razões acima expostas, não é possível, de momento, utilizar com segurança tais datações, a não ser como uma *referência* susceptível de ser valorizada após a obtenção de *séries coerentes* para a mesma região.

— Como já mencionámos, por volta de 3.000 a.C., ou seja numa época não muito posterior a dos primeiros monumentos datados, verificamos

um acentuado *polimorfismo arquitectónico*, que integra *dólmenes simples*, *fossa sob «tumulus»* e, se incluirmos os monumentos da Beira Alta, *dólmenes de corredor*. Na serra da Aboboreira, o único dólmen de corredor conhecido, o dólmen de *Chã de Parada* (que contém gravuras), não foi ainda escavado cientificamente, de forma a determinarmos o momento da sua construção, o que se impõe por diversas razões. O que é interessante acentuar, como, aliás, já o fizera J.M. Arnaud (37) é o facto de os dólmenes de corredor da Beira Alta, como Orca dos Castenairos (3110 ± 50 a.C.), Orca de Seixas (2950 ± 40 a.C.) ou Carapito 1 (2900 ± 40 a.C.) serem significativamente anteriores aos monumentos equiparáveis, datados pela termoluminescência, no Alto Alentejo. Na verdade, mesmo se calibrássemos (38) as datas referidas, elas continuariam a ser mais antigas em 300 a 400 anos, em relação por ex., à fase tumular datada da Anta Grande da Comenda da Igreja (Ox TL 169f – 3235 ± 310 A.C.) (39), aliás considerada por aquele autor como correspondente a um momento tardio da sua utilização. Este estaria mais em sintonia com as reutilizações de Carapito 1 (2640 ± 65 a.C.) e Orca dos Castenairos (2660 ± 50 a.C.), provando que a maior parte destes dólmenes de corredor foram certamente reutilizados, em qualquer das regiões, pelo menos, ao longo da 1ª. metade do IIIº. milénio a.C., se não, mesmo, em certos casos, até mais tarde.

Esta alta cronologia para *dólmenes de corredor* parece começar a confirmar-se também na *Meseta Norte*, por exemplo, no núcleo dolménico da região de *Zamora-Salamanca*, onde a 1ª. fase de tumulação do monumento de *El Guijo* foi datada entre 3.300 e 2.900 a.C. (40). No vale do médio e alto Douro, o dólmen de corredor de *Ciella* (Sedano) integra-se nos finais do IVº. milénio a.C. (GrN 12121 – 5290 ± 40 B.P. – 3340 a.C.) e uma utilização do dólmen de *Arnillas* (Sedano), considerada por Delibes de Castro como provavelmente tardia relativamente à fase inicial da sua construção, já dos finais da 1ª. metade do IIIº. milénio a.C. (GrN 12124 – 4575 ± 40 B.P. – 2625 a.C.) (41), ajusta-se, juntamente com os dados anteriores, a cronologia global dos dólmenes beirões.

Por outro lado, e sem queremos entrar numa análise, mesmo sumária, dos materiais associados aos sepulcros desta época, é de salientar a sistemá-

tica presença de *micrólitos geométricos* (tradicionalmente considerados como um elemento arcaico ou «arcaizante») nas primeiras tumulações de qualquer dos dólmenes de corredor referidos, assim como em alguns dos dólmenes simples seus contemporâneos, da serra da Aboboreira (42).

Assim, perfigura-se a possibilidade da *coexistência* em áreas contíguas de dólmenes simples, dólmenes de corredor e outras construções tumulares (que integram micrólitos geométricos, machados polidos, contas de colar, cerâmica, etc.) *durante os finais do IVº. milénio e inícios do IIIº. milénio a.C.*, no Centro-norte e Norte de Portugal, o que, contrariando a tradicional teoria evolucionista linear do pequeno dólmen simples para o grande dólmen de corredor (43), se ajusta a teses de simultaneidade recentemente defendidas por P. Kalb (44) e V.O. Jorge (45). Este último autor mostra a sua preferência por um modelo explicativo matizado, no qual «... aceitando o megalitismo como um longo processo de desenvolvimento arquitectónico cumulativo, encararia a possibilidade de uma evolução do simples para o complexo, sem exclusão, todavia, da coetaneidade, a partir de determinado momento, de formas «simples» e «evolucionadas» (46).

No caso que nos importa, ou seja, nas regiões de Viseu/Guarda (Centro-Norte) e da serra da Aboboreira (Norte de Portugal), embora esta explicação seja altamente verosímil, não se encontra totalmente confirmada devido à assimetria de datações disponíveis em função do tipo de monumento sepulcral (dólmenes de corredor na Beira Alta e dólmenes simples a norte do Douro). Por outro lado, apesar de não haver provas irrefutáveis que nos assegurem a existência de monumentos megalíticos anteriores à 2ª. metade do IVº. milénio a.C., não é possível afirmar que eles não tenham sido construídos em outras regiões do Norte e Centro de Portugal.

Esse hiato de informação cronológica também se verifica, por outro lado, em relação à hipotética *continuidade de construção e/ou reutilização de sepulcros «com tumulus» ao longo da 2ª. metade do IIIº. milénio a.C.*. Durante este período e, no que respeita agora, apenas à serra da Aboboreira, não possuímos dados cronológicos sobre a sobrevivência da necrópole como espaço sepulcral. Apenas, nos finais do IIIº. milénio, inícios do IIº. a.C.

(cronologia relativa deduzida) alguns monumentos com «tumulus» (Mamoia 2 de Outeiro de Ante, Mamoia 1 de Chã de Carvalhal (47)) integram cerâmica campaniforme (pontilhado geométrico na primeira e pontilhado de bandas, geométrico e inciso na segunda), pelo que existem provas arqueológicas de que este espaço funerário se encontrava então funcional.

— É durante o III^o. milénio a.C., fase para a qual não dispomos de abundante informação sobre a cronologia dos monumentos sepulcrais «com tumulus», que são revelados os primeiros povoados sedentários conhecidos no Norte de Portugal. As seis datas de C14 representadas nas figs. 10 e 11, dizem respeito a dois dos quatro povoados recentemente escavados por nós, estabelecendo globalmente o limite inferior e superior da sequência temporal durante a qual se desenvolve a sua ocupação. Ela estende-se desde os começos do III^o. milénio até cerca do primeiro quartel do II^o. milénio a.C.. Estas duas séries de datas, recobrimdo apenas duas estações, podem ser melhor valorizadas pela correlação estratigráfica e tipológica com diversas estruturas e materiais de carácter habitacional, o que lhes confere apreciável coerência e validade (48). Ao contrário dos monumentos megalíticos situados nos «plateaux» da serra da Aboboreira (e da grande maioria dos existentes no Norte de Portugal) estes povoados estão implantados em *encostas viradas a vales importantes* (Tâmega e Corgo), utilizando preferencialmente *plataformas em esporão*, com boas condições de vigilância ou, mesmo, defesa, sobre os vales. A Vinha da Soutilha (Mairos) com datas absolutas entre 2740 ± 140 a.C. e 2420 ± 140 a.C., e o primeiro nível de Castelo de Aguiar, datado de 2750 ± 100 a.C., estabeleceriam, em termos de cronologia europeia, proposta por Rentrew (49), a transição entre um Neolítico tardio e um Calcolítico antigo, enquanto a segunda ocupação datada de Castelo de Aguiar cairia já dentro dum Calcolítico tardio, na transição para o Bronze inicial. É óbvio que estas designações devem ser apenas tomadas em termos estritamente cronológicos, pois a exploração dos conteúdos arqueológicos destes povoados encontra-se em curso, sendo já evidente que é necessário formular numa *periodização regional* que integre os novos testemunhos num quadro mais consentâneo com as realidades

culturais observadas (50).

O que distingue de forma mais imediata os povoados datados, (com abundantes paralelos no Norte de Portugal, Meseta Norte Ocidental e Galiza), é a possibilidade que eles fornecem de se poderem estabelecer *analogias formais* entre alguns dos seus artefactos mais significativos com os de outras áreas meridionais (particularmente Estremadura portuguesa, Sudoeste e Sudeste). Essas analogias observam-se por ex., em *tipos* de pontas de seta, em contas de colar, em possíveis pesos de tear, ou nas formas e na decoração da cerâmica doméstica (51).

Para além da discussão, a nosso ver, um pouco estéril e conceptualmente arcaica, de tentar recuperar as vias e o sentido da hipotética influência ou difusão cultural entre o Sul e o Norte (ou vice-versa), importa realçar que, num momento determinado dos inícios do III^o. milénio a.C. e, ao longo de quase mil anos, se desenvolveram no Norte de Portugal comunidades já com um apreciável grau de fixação ao território, que exploravam de forma sistemática as áreas circundantes em torno dos seus «habitats», que eram, sem dúvida, ocupados durante largos períodos de tempo. *O povoado torna-se, provavelmente, um pólo estruturante e aglutinador destas populações*, e a sua cultura material, diversificada mas também padronizada, segundo modelos extensivos a outras áreas peninsulares, pode ter desempenhado um papel importante na afirmação da sua identidade cultural.

Alguns dos principais problemas que, a nosso ver, se devem colocar, são pois, de ordem estrutural: — *quais as condições locais e regionais que deram origem ao aparecimento, nos inícios do III^o. milénio a.C., em certas áreas, duma outra estratégia de povoamento, bem materializada na paisagem?* (52); — *qual a opção do espaço funerário e ritual destas populações, uma vez que, a norte do Douro, durante o III^o. milénio a.C., não foram ainda seguramente identificados os sepulcros correspondentes a estes povoados?*; — *que formas de interação foram assumidas por essas comunidades relativamente a outras suas contemporâneas?*; — *qual o sentido «contextual» que deve ser dado às analogias formais verificadas entre artefactos provenientes de regiões tão distantes, como o Norte de Portugal e Galiza, a Estremadura portuguesa, o Alentejo, Almeria ou Salamanca?*; — *e, no seguimento*

da questão anterior, qual a complexa rede causal que determinou, apesar e em função da própria dinâmica local, que, pelo menos, ao nível da estilística de alguns artefactos, se tivesse superado em algumas comunidades um aparente regionalismo auscultado em épocas anteriores? (53).

Todas estas questões e muitas outras que se poderiam colocar ultrapassam largamente o estrito posicionamento cronológico dos povoados da Vinha da Soutilha e de Castelo de Aguiar.

Afloremos exclusivamente uma das questões, a hipotética relação entre este tipo de povoados e os sepulcros coevos.

Demonstrámos anteriormente a contemporaneidade entre as tumulações tardias dos sepulcros de corredor de Orca de Castenairos e Carapito 1 (Beira Alta) e as ocupações mais antigas datadas dos povoados da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar (Norte de Portugal), durante a 1ª. metade do IIIº. milénio a.C.. Não seria ilícito supor, portanto, que alguns dos dólmenes de corredor do Norte de Portugal também tivessem sido construídos ou mesmo reutilizados nesta época. Por outro lado, ainda que não possuamos dados muito seguros, não é inviável que diversos tipos de monumentos «com tumulus» tenham continuado a ser utilizados ao longo de todo o IIIº. milénio a.C. (54). Já nos inícios do IIº. milénio a.C., pelo menos, alguns dos «cairns» da Aboboreira serão globalmente contemporâneos da segunda ocupação pré-histórica do povoado de Castelo de Aguiar, que estabelece a baliza final da ocupação de tradição calcolítica na área estudada (falha tectónica da Régua-Verin, no troço Telões-Chaves). Contudo, apesar dos dados disponíveis e de outros induzidos, quanto à contemporaneidade de povoados sedentários e de alguns dos sepulcros com «tumulus» conhecidos, verificamos uma quase *total disparidade tipológica entre os materiais encontrados nestes dois tipos de estações*. Outra diferença parece também ser observada no seu posicionamento espacial embora, neste campo, ainda devamos esperar que se realize uma ampla actividade prospectora e inventariadora que determine o padrão de implantação na paisagem de povoados e túmulos desta fase.

O problema que naturalmente se põe é o de saber se os habitantes de povoados do tipo da Vinha da Soutilha, Pastoria ou Castelo de Aguiar, (entre muitos outros) utilizaram os sepulcros com «tumu-

lus» seus contemporâneos. Se o fizeram, pelo que conhecemos, o seu espólio funerário era predominantemente diferente do utilizado nos «habitats»: cerâmicas lisas, micrólitos, pontas de seta de base triangular ou pedunculada, contas de colar discoidais ou esféricas, são alguns dos *raros materiais* encontrados nos sepulcros, normalmente em câmaras remexidas, sem qualquer estratigrafia, e portanto não «in situ». Apenas no dólmen, com vestíbulo, de Zedes (55) temos notícia da existência de cerâmica decorada comparável à dos povoados mencionados. Na Galiza, também temos conhecimento da existência de cerâmicas decoradas segundo uma fórmula muito abundante na Vinha da Soutilha numa mamoa (Lobeira, Orense) (56). Por outro lado, recentemente, Delibes (57) defendeu a correspondência cultural entre a última fase da utilização dos dólmenes de corredor do SO da Meseta Norte e a ocupação calcolítica de povoados com cerâmicas decoradas da mesma área, genericamente aparentadas às do Norte de Portugal (58). Por todos estes indícios, não colocamos de lado, relativamente ao Norte de Portugal, a hipótese da utilização directa destes monumentos por parte das populações portadoras de cerâmicas domésticas decoradas. Essa utilização poderia ter-se reflectido quer em cerâmicas decoradas (numa baixa percentagem), quer em cerâmicas e materiais líticos absolutamente diferentes dos manipulados no interior dos povoados, mas então estaríamos perante uma realidade que não é totalmente de desprezar: a da *especialização intencional do «equipamento» funerário*. Aliás, este fenómeno parece ocorrer também na Estremadura portuguesa, onde, por ex., a cerâmica chamada «canelada» de povoados do tipo de V.N.S. Pedro só aparece em túmulos coevos numa baixíssima percentagem (59). Apesar de tudo, nesta última região, existem outros elos de ligação que permitem estabelecer a correspondência cultural entre os dois tipos de estações. Elos que, até à data, não foram encontrados no Norte de Portugal.

Uma segunda hipótese, que não exclui a primeira, é a de que os habitantes destes povoados podem ter utilizado, sobretudo, *túmulos não monumentais* cuja tipologia desconhecemos e cuja localização se poderia verificar nas proximidades ou mesmo no interior dos povoados. Esta segunda hipótese relacionar-se-ia com a inversão operada no novo

espaço habitacional (povoados permanentes, com estruturas mais duráveis), que teria substituído, do ponto de vista social e, portanto, simbólico, a função territorial aglutinadora desempenhada anteriormente pelos sepulcros com «tumulus», cuja monumentalidade seria intencionalmente destacável na paisagem (60). Este modelo explicativo parece adaptar-se a diversas situações observadas na Pré-História recente da Europa Ocidental, nomeadamente, em França (61), mas para ser confirmado na nossa região, necessita de uma ampla base de apoio documental (arqueológica, paleo-botânica, cronológica, etc.) que ainda não possuímos, dirigida para o estudo sistemático de *regiões concretas, bem delimitadas*. Novamente, enfrentamos a limitação estrutural que preside à interpretação do nosso quadro cronológico: trabalhamos com testemunhos dispersos e truncados provenientes de regiões diferentes, pelo que se torna muito difícil a correlação de todos os dados em presença.

Alguns dos «cairns» da Aboboreira representam, nesta região, talvez o «terminus» dum processo funerário e ritual que integra o que se convencionou chamar «monumentos megalíticos», e que nós, seguindo de perto as ideias de V.O. Jorge (62), preferimos designar *sepulcros com «tumulus»*. Os sepulcros mais tardios, que devem inserir câmaras cistóides ou mesmo, cistas, podem apresentar um «tumulus» baixo que, além de estar quase disfarçado na paisagem, é estruturalmente diferente dos anteriores, constituído apenas por pedras amontoadas sobre o solo de base. O seu espólio é tipologicamente integrável, em termos de cronologias europeias e peninsulares, já no Bronze inicial (63).

A sua contemporaneidade relativamente à segunda ocupação do povoado de Castelo de Aguiar, coloca os mesmos problemas básicos já expostos a propósito da contemporaneidade entre os sepulcros de corredor da Beira Alta e as primeiras ocupações datadas da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar (Norte de Portugal). Neste caso, a problemática adensa-se pelo facto de, para a mesma época, em regiões diferentes, um povoado se inserir num contexto cultural «calcolítico» e os túmulos poderem sugerir, a exemplo do que acontece em outras regiões peninsulares e atlânticas, afinidades culturais com populações já dos começos da I. do Bronze (64).

Há que testar as hipóteses quer da existência

duma dualidade cultural real, (que revelaria, além do mais, assimetrias regionais de evolução) quer, tão só, a da especialização funerária, num momento importante de transição entre as últimas comunidades de tradição cultural «calcolítica» e outras que manifestam, pelo menos, ao nível dos seus sepulcros, indícios duma mais explícita estratificação social, que é típica da I. do Bronze.

— A necrópole do Tapado da Caldeira e o povoado da Bouça do Frade revelam-nos, no contexto da serra da Aboboreira, um corte, quer com a tradição das sepulturas com «tumulus», quer com a de povoados constituídos, provavelmente, por estruturas percíveis, talvez relacionados com uma agricultura itinerante, exploradora de solos pouco espessos (65).

A sepultura I do Tapado da Caldeira, *sepultura plana* de planta sub-rectangular, provavelmente de inumação individual, contendo um vaso funerário no seu interior, integra-se num conjunto de quatro de forma idêntica, uma delas de pequenas dimensões, provavelmente, infantil.

Este espaço funerário e ritual poderá ter sobrevivido até, pelo menos, finais do IIº milénio a.C., ainda que seja obscuro como evoluiu durante este curto espaço de tempo.

O povoado da Bouça do Frade, implantado num morro que domina o vale dum afluente do Rio Ovil a cerca de 200 m da necrópole, terá sido ocupado até ao séc. VIII a.C.. Integra diversas *estruturas em fossa*: lareiras, buracos de poste e prováveis silos, que podem ter servido ulteriormente como fossas detriticas ou, simplesmente, terem sido colmatadas por fenómenos naturais, após o abandono do «habitat». Este povoado forneceu abundantes fragmentos de cerâmica comum (vasos de provisões, na sua maior parte) e alguns de cerâmica fina entre os quais a «de tipo Baiões». Pela sua implantação e estruturas arqueológicas o «habitat» denota uma fixação importante ao território, provavelmente ancorada numa agricultura evoluída que terá dado origem à construção de *amplas fossas de armazenamento e/ou acumulação de detritos* (66).

Este provável conjunto, constituído por necrópole e povoado, inclui as únicas datas de C14 publicadas até ao momento para a I. do Bronze Médio-Final do Norte de Portugal, em termos das habi-

tuais cronologias europeias. Culturalmente estas duas estações revelam, ao nível dos testemunhos arqueológicos, uma acentuada manifestação de elementos oriundos da Meseta (Cogotas I) no seio do contexto local e, numa fase final do povoado, este agrega também cerâmicas de expressão geográfica mais ampla e origem meridional, que se integram já num vasto movimento peninsular precursor dos *começos da I. do Ferro* (67).

Será, em primeiro lugar, interessante acentuar que a difusão para a serra da Aboboreira de cerâmicas de tipo Cogotas I, parece realizar-se no *final da 1ª. etapa da formação de tal «cultura» na Meseta* (sécs. XV-XIII a.C.) (68). E essas cerâmicas, integram, desde o primeiro momento, as técnicas de Boquique e excisão que são os seus atributos decorativos mais individualizadores.

Embora ainda se encontre numa fase preliminar o estudo da evolução do povoado da Bouça do Frade, sabemos que tal cerâmica, embora tenha sofrido algumas modificações tipológicas, sobreviveu até ao final da sua ocupação (séc. VIII a.C.), misturada em pequena quantidade com a grande maioria de cerâmicas locais.

Uma das questões mais incisivas será, pois, a de tentar determinar, no quadro das razões estruturais que levaram à expansão para ocidente (como para outras regiões) de um dos elementos mais característicos da «cultura» de Cogotas I, a *específica forma de integração desse elemento no âmbito das comunidades locais, ao longo de, pelo menos, quinhentos anos.*

Mas uma outra questão, de carácter mais geral, que se prende com problemas de ordem cronológica predominantemente focados ao longo deste trabalho, diz respeito à nomenclatura que deveremos adoptar para caracterizar o longo período de tempo que abarca as duas estações datadas.

Recentemente, quer Fernández Manzano (69), quer Ruiz-Galvez Priego (70), o primeiro, numa perspectiva centrada na análise da evolução cultural da Meseta Norte, a segunda, num âmbito mais geral, extensivo a diversas regiões peninsulares, reavaliaram a premência da tradicional periodização tripartida da I. do Bronze (Antigo, Médio e Final) aplicada à evolução dos fenómenos da Península Ibérica.

Ambos os autores estão de acordo quanto à *inadequação de tal periodização, na medida em que*

ela não explicita a grande *continuidade cultural* existente entre o que habitualmente se designa Bronze Antigo (1800-1500 a.C.) e Bronze Médio (1500-1200 a.C.). O critério mais utilizado para essa divisão, à luz das evoluções dos fenómenos observados, particularmente na Europa Central, seria o da substituição, a partir dos inícios da 2ª. metade do IIº. milénio a.C., do cobre arsenical pelo bronze e, *concomitantemente, o aparecimento de novas formas de artefactos metálicos, que acompanhariam a implantação de comunidades culturais estruturalmente diferentes das anteriores.*

Ora, como é sabido, na Península, o cobre arsenical continua a ser largamente utilizado, ao longo deste período (71), a morfologia da maioria dos artefactos metálicos permanece inalterada (72) e, para além do mais, haverá indícios de que as formas de implantação dos povoados, os ritos sepulcrais, e a estratégia global de exploração do território não sofre rupturas importantes (73). Neste contexto, Manzano divide a *I. do Bronze da Meseta* apenas em duas grandes fases: *uma 1ª. fase (1700-1200 a.C.)* engloba o declínio do fenómeno Campaniforme de Ciempozuelos e o desenvolvimento daquilo que ele designa o «Horizonte de Cogeces», correspondente a *uma etapa de tradição campaniforme*, que estabelece a ligação com a cultura de Cogotas I, cujo início se daria, na maioria das estações conhecidas, por volta de 1200 a.C.; *a 2ª. fase (1200-700 a.C.)*, coincidente, afinal, com o Bronze Final europeu, integraria nesta região, toda a *cultura de Cogotas I*, desde a sua formação ao declínio, a qual se articularia, a partir de 1100-900 a.C. (Bronze Final II), com o espaço de relações socio-económicas da fachada atlântica.

Embora utilizando outra terminologia para cada uma destas fases e com pequenos desajustes cronológicos, Priego toma uma posição muito coincidente com a de Manzano no que se refere à periodização da I. do Bronze peninsular. Apenas a passagem ao Bronze Final, por volta de 1200 a.C., seria precedida duma fase de transição, Bronze Tardio, que a autora entende dever manter, na esteira, por ex., de Schubart (74) e Molina (75).

Ora, a serra da Aboboreira situa-se numa área considerada de grande unidade geográfica e cultural, o *Noroeste Peninsular*, que sofreu, durante o IIº. milénio a.C., não só inequívocas influências meridionais e «continentais» (do interior da Mese-

ta), como se integrou numa *esfera de interdependências sociais de cariz europeu inequivocamente atlântico* (76). Essa *confluência de relações* encontra-se expressa, na própria serra da Aboboreira, por ex., nos «cairns» da Mamoa 4 de Meninas do Crasto ou Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, nas Mamoas 2 de Outeiro de Ante ou 1 de Chã do Carvalhal (estas últimas tendo fornecido cerâmica campaniforme, de tipo marítimo, Palmela e Ciempozuelos), e também, obviamente, na necrópole do Tapado da Caldeira e no povoado da Bouça do Frade.

Contudo, numa região como o Noroeste, não é fácil no actual estado dos nossos conhecimentos discernir a diferença entre *fases de mudança estrutural e transformações conjunturais ou pontuais*, normalmente relacionadas com a alteração verificada na tipologia de alguns materiais arqueológicos, encontrados isolados e fora de contexto. Se a morfologia e composição de grande parte dos objectos metálicos se deve ter mantido semelhante até cerca de 1200 a.C., como sustenta também Coffyn (77), iniciando-se, a partir desse momento, uma fase de integração progressiva de artefactos metálicos em bronze («Bronze final proto-atlântico — 1200-1000 a.C.»), *podemos falar dessa mesma aparente continuidade a propósito das estruturas funerárias e habitacionais, sempre adentro do período referido?* E falar do Noroeste, apesar da unidade já mencionada, não será também uma atitude redutora na medida em que se escamoteia a muito provável variabilidade regional determinada, em grande parte, por zonas de dependência e interação cultural?

O «complexo» do Tapado da Caldeira/Bouça do Frade encontra-se na confluência geográfica entre o Douro Litoral e Trás-os-Montes ocidental. O início do seu desenvolvimento ter-se-á dado, no séc. XIV a.C., numa fase de transição para o Bronze Final. Aparentemente, é nesta etapa, que, no local, se realiza a primeira transformação de fundo, relativa ao posicionamento dos habitats e respectivas necrópoles, o que só por si, indicará uma importante diferença relativamente à Meseta. Por essa época, naquela região, os povoados e tumulações correspondentes à cultura de Cogotas I (na sua fase de formação) acusarão uma apreciável continuidade relativamente aos do «Horizonte Cogeces». Se esta realidade se vier a confirmar futuramente, pela obtenção de dados de cronologia relativa e

absoluta para novas estações escavadas nesta área, teremos de, pelo menos, admitir, em primeiro lugar, que o *Noroeste não deve ser encarado em bloco para efeitos de periodizações culturais*, pois, não é fácil aceitar, que o hipotético esquema evolutivo da serra da Aboboreira se repetiria sistematicamente em toda a parte. Esta constatação aliás, não deve tocar apenas esta região, ela afirma-se pela própria lógica da lei das probabilidades.

Em segundo lugar, se aceitarmos que as descontinuidades verificadas na evolução tipológica dos artefactos metálicos nem sempre coincidem com as observadas no registo das mudanças de exploração do território, estratégias de povoamento, arquitecturas e rituais funerários, etc., *o que estará em causa, não é tanto o reajustamento das periodizações europeias pela valorização dos elementos peninsulares que mais visivelmente permanecem uniformes ao longo do tempo — os artefactos metálicos — mas, ao contrário, esse reajustamento deve ser feito tomando em linha de conta a totalidade da realidade cultural em cada região*, contrastando as coincidências e assimetrias inerentes ao ritmo evolutivo de cada elemento interveniente, recompondo o *quadro cronológico regional* na sua específica e múltipla variedade. Esse esforço deverá conduzir, a longo prazo, à fragmentação das periodizações tradicionais sobre a I. do Bronze peninsular, não só tributárias duma perspectiva centro-europeia como centradas em um dos seus aspectos — a metalurgia. Neste sentido, qualquer cronologia regional baseada predominantemente na evolução dos artefactos metálicos deverá ser encarada como um ponto de partida sem dúvida importante, mas devendo progressivamente ser integrado numa evolução mais global que contemple a inter-relação dinâmica de todas as componentes dum sistema cultural.

Assim, e voltando ao nosso caso particular, diremos que o conjunto do Tapado da Caldeira/Bouça do Frade ocupa um período que, em termos da cronologia dos objectos metálicos peninsulares (caracterizada recentemente, por A. Coffyn (78)) integra, «grosso modo», as fases designadas por Bronze Final proto-atlântico (1200-1000 a.C.), Bronze Final atlântico I (1050-900 a.C.) e Bronze Final atlântico II (900-700 a.C.). Mesmo que viessemos a confirmar futuramente a ligação directa entre alguns dos artefactos metálicos mais significativos de

cada fase com os diversos momentos da vida do povoado ou da utilização da necrópole (o que já em si demonstra grande optimismo), nada nos autorizaria ainda a caracterizar cada uma destas fases quanto à morfologia dos seus «habitats» e necrópoles, para o que necessitaríamos de uma ampla e

diversificada amostragem suficientemente expressiva da própria região em estudo.

Neste caso não só trabalhamos com dados truncados, mas também quase únicos, no âmbito do Norte de Portugal.

NOTAS

- (1) Jorge, Vítor Oliveira (1980), Escavação da Mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 1.
- (2) idem (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, Dissertação de doutoramento (policopiada), vol. I, p. 860; idem (1984), Datas de C14 para o Megalitismo do Norte de Portugal: breve nota, *Lucerna* (Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão), pp. 70-71.
- (3) idem (1980), A Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Revista de Guimarães*, vol. XC.
- (4) Uma data é anterior a outra quando a diferença entre os seus valores médios é superior à raíz da soma dos quadrados dos desvios (Cabral, João M. Peixoto e Soares, A.M. (1984), Datação pelo radiocarbono II — Sobre a estimação do verdadeiro valor das datas convencionais de radiocarbono e a comparação de duas datas, *Arqueologia*, nº. 10).
- (5) Jorge, V.O. (1985), Novas datações de radiocarbono para mamoas do concelho de Baião, *Arqueologia*, nº. 11, pp. 182-183.
- (6) V. nota 2: *Megalitismo do Norte de Portugal...*, vol. I, pp. 652-658.
- (7) Jorge, V.O. (1985), Novas datas de radiocarbono para mamoas da Aboboreira, jornal *Repórter do Marão*, (16.8.85); idem (1985), Les Tumulus de Chã de Santinhos... (neste volume).
- (8) Leisner, V. e Ribeiro, L. (1968), Die dolmen von Carapito, *Madrider Mitteilungen*, 9.
- (9) Leisner, V. e Ribeiro, L. (1965), A escavação do dólmen — Orca dos Castenairos, Fráguas — Vila Nova de Paiva, *Lucerna*, V; V. nota 2.
- (10) Jorge, V.O. (1983), Escavação das Mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto — Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, nº. 7; idem (1983), Uma data de radiocarbono para a Mamoa 4 de Meninas do Crasto (Baião), *Arqueologia*, nº. 8.
- (11) Na verdade, diversas estações do Norte de Portugal, desde monumentos megalíticos até povoados seguramente integráveis na I. do Bronze, têm sido objecto de datações por parte do Laboratório de C14 da Faculdade de Ciências Mejiro, Tóquio, no Japão, todas apresentando resultados não só *excessivamente altos* (uma das estações da I. do Bronze era datada de cerca de 7000 a.C.), mas também *estratigraficamente incoerentes* (amostras do mesmo nível acusavam, por vezes, desfasamentos de mil anos entre elas). O número de casos em que tal tem vindo a acontecer, em estações de diversas épocas, escavadas por equipas de arqueólogos diferentes, mas segundo processos de recolha rigorosos, leva-nos a supôr que estamos perante uma anomalia que envolve necessariamente o próprio Laboratório. Esta suposição é corroborada por análises recentemente realizadas por outros laboratórios europeus para algumas dessas estações anteriormente datadas pelo Laboratório japonês, que são, não só estatisticamente coerentes, como confirmam o contexto arqueológico observado.
- (12) Gonçalves, A.A. Huet de Bacelar (1984), Escavação da Mamoa nº. 2 de Outeiro de Ante — Serra da Aboboreira — Baião, *Arqueologia*, nº. 9, nota 18.
- (13) V. nota 7.
- (14) Cunha, A.M. Leite e Silva, E.J. Lopes (1982), Escavação da Mamoa 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira — Concelho de Amarante), *Trabalhos do Grupo de Investigação Arqueológica do Norte*, p. 17; Silva, E.J. Lopes (1984), O núcleo megalítico da Abogalheira (Serra da Aboreira — Amarante) e uma datação pelo C14, *Revista de História*, vol. I (Universidade Livre).
- (15) V. nota 14, p. 23.
- (16) Almagro Gorbea, M. (1970), Las fechas del C14 para la Prehistoria y la Arqueologia peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, vol. XXVII.
- (17) V. nota 2: Datas de C14...
- (18) Jorge, Susana Oliveira (1980), A necrópole do Tapado da Caldeira — Baião, *Arqueologia*, nº.

- 2; idem (1983), Duas datas de C 14 para a sepultura I da estação do Tapado da Caldeira (Baíão), *Arqueologia*, nº. 8.
- (19) Fernandez-Posse y de Arnaiz, M.D. (1980), *El final de la edad del Bronce en la Meseta Norte: la cultura de Cogotas I* (tese de doutoramento, inédita).
- (20) Jorge, S.O. e Soeiro, T. (1981), Escavações arqueológicas na Vinha da Soutilha (Mairós, 1981), *Portugalia*, Nova Série, vol. II-III.
- (21) Jorge, S.O. (1982), Uma data de C 14 para a Pré-História do Norte de Portugal: breve comentário, *Arqueologia*, nº. 6. A revisão da nomenclatura dos sectores e camadas estratigráficas, resultante dum estudo global desta estação (em preparação) determinou as seguintes equivalências, relativamente à primeira notícia publicada: sector III = sector A; estrato 2B = camada 3.
- (22) A recolha da amostra foi realizada na posição da esterilidade arqueológica da camada de base onde foi incluída a lareira em questão, o que, aliás, se confirmou. Contudo, quando a amostra foi enviada para datação, não havia ainda sido amplamente escavada essa camada, o que só veio ocorrer na campanha seguinte. A sua total caracterização só se realizou algum tempo depois da selecção das amostras para datação, o que nos impediu que reconsiderássemos, a tempo, a qualidade da amostra.
- (23) O estudo deste povoado integra-se num trabalho de investigação sobre a Pré-História recente do Norte de Portugal, em preparação.
- (24) V. nota 23.
- (25) Este local foi objecto duma recente plantação de pinheiros, cujas raízes perfuraram o solo, por vezes, até ao saibro de base.
- (26) V. nota 23.
- (27) Jorge, S.O. (1980), A estação do Tapado da Caldeira, Baíão, *Portugalia*, Nova Série, vol. I; V. nota 18.
- (28) V. notas 18 e 27.
- (29) O estudo exaustivo do complexo arqueológico que integra este povoado encontra-se em preparação. Algumas referências a ela podem ser encontradas em: Jorge, S.O. (1983/84), Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o IIIº. e o IIº. milénios a.C., *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V, pp. 105-106.
- (30) Kalb, Philine (1974-77), Uma data C-14 para o bronze atlântico, *O Arqueólogo Português*, série III, 7-9; idem (1978), Senhora da Guia, Baíões, *Madrider Mitteilungen*, 19; idem (1979), Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58; idem (1980), O «Bronze Atlântico» em Portugal, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I.
- (31) Fernandez Martinez, Victor M. (1984), La combinación estadística de las fechas de carbono-14, *Trabajos de Prehistoria*, nº. 41.
- (32) Klein, J. et alii (1983), Calibration des dates radiocarbones, (Les tableaux de correction des dates C 14 effectués par le «groupe de Tucson»), *Revue d'Archeometrie* (supplément 1983 — ISSN 0399 — 1237).
- (33) Whittle, E.H. e Arnaud, J.M. (1975), Thermoluminescent dating of neolithic and chalcolithic pottery from sites in central Portugal, *Archaeometry*, 17, 1, pp. 6-7.
- (34) Patiño Gómez, R. (1984), Excavación de la mámoa nº. 1 de As Rozas (Campo Lameiro), *Pontevedra Arqueológica*, I, p. 66.
- (35) idem (1984), Excavación de la mámoa 1 de Chan da Cruz (Vilaboa), *Pontevedra Arqueológica*, I, p. 36.
- (36) V. nota 11.
- (37) Arnaud, J.M. (1978), O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas, *Actas das III Jornadas Arqueológicas — 1977 — da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p. 104.
- (38) V. nota 32.
- (39) V. nota 33, p. 7.
- (40) Delibes de Castro, G. (1985), El Neolítico. Los comienzos de la agricultura y la granjería en la Meseta (Cap. II) in *Historia de Castilla y León*, 1, *La Prehistoria del Valle del Duero*, p. 30.
- (41) Delibes de Castro, G. (1984), Fechas de radiocarbón para el Megalitismo de la Meseta Española, *Arqueologia*, nº. 10.
- (42) V. notas 8, 9, 2.
- (43) Vaultier, M. e Zbyszewski (1951), Le dolmen de Casal de Penedo (Verdelha de Ruivos), *Trab. Antropol. Etnol.*, 13; Leisner, V. (1966-67), Die Verschiedenen Phasen des Neolithikums in Portugal, *Palaeohistoria*, 12; V. nota 37; Jorge, S.O. (1978), O Megalitismo no contexto peninsular, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVIII; Serrão, E.C. (1979), Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português, *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e Calcolítico em Portugal, Porto 1978*.
- (44) Kalb, Ph. (1981), Zur Relativen Chronologie Portugiesischer Megalithgräber, *Madrider Mitteilungen*, 22, pp. 69-70.
- (45) V. nota 2; Jorge, V.O. (1982), *Megalitismo...*, pp. 699-843, 851.
- (46) Jorge, V.O. (1983-84), Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço, *Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), p. 44.
- (47) Cruz, J. Domingos (1983), Escavação da Ma-

mota 1 da Chã de Carvalho — Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, nº. 7, pp. 74-75.

- (48) Recentes investigações na Galiza e na Meseta Norte têm fornecido datações absolutas para contextos similares aos do Norte de Portugal que, embora não isentas de discussão (pelo seu carácter isolado), articulam-se globalmente com a fase cronológica sugerida pelas estações da Vinha da Soutilha e Castelo de Aguiar: *na Galiza*, estação de *Lavapés* (Pontevedra) — GAK 11188 — 3930 ± 120 A.P. = 1980 a.C. (Peña Santos, A., 1984, El yacimiento de Lavapés (Cangas de Morrazo): balance de las excavaciones 1981-82, *Pontevedra Arqueológica*, 1); na Meseta Norte, a estação de *Las Pozas* (Zamora) foi recentemente situada entre 2475 e 2125 a.C. (Delibes de Castro, G., 1985, El Calcolítico. La aparición de la metalurgia (Cap. III), in *Historia de Castilla y Leon*, 1, *La Prehistoria del Valle del Duero*, p. 44).
- (49) Renfrew, C. (1976), *Megaliths, territories and populations, Acculturation and Continuity in Atlantic Europe mainly during the Neolithic period and the Bronze Age* (dir. S.J. de Laet).
- (50) Entre as datas de C14 *mais antigas conhecidas* para contextos calcolíticos meridionais situam-se as do povoado de El Malagón (UGRA 12 — 2565 ± 215 a.C.), de uma «tholos» de Los Millares (KN 72 — 2430 ± 120 a.C.), do povoado de Santa Justa (UGRA 70 — 2360 ± 170 a.C.), do povoado de Los Millares (H-204/247 — 2345 ± 85 a.C.), da «tholos» de El Barranquete (CSIC 82 — 2350 ± 130 a.C.; CSIC 81 — 2330 ± 130 a.C.), do povoado do Zambujal (GrN 6671 — 2320 ± 65 a.C.), e da câmara ocidental da Praia das Maças (H 2049/1467 — 2310 ± 60 a.C.). Dado o grande desvio padrão de algumas das datas, estas estendem-se por um período de tempo demasiado lato, entre cerca de 2780 e 2200 a.C.. A estação datada mais antiga, *El Malagón* (Arribas, A. e Molina, F., 1984, Estado actual de la investigación del megalitismo en La Península Ibérica, *Francisco Jorda Oblata*, p. 72, Salamanca), apesar do seu alto desvio padrão, não alcança o limite superior possível da datação mais antiga da Vinha da Soutilha (c. 2880 a.C.). Isto poderia significar que o nível habitacional desta estação do Norte de Portugal seria provavelmente mais antigo do que o daquela estação do Sudeste. Contudo, a análise estatística, com um grau de confiança, inferior a 68%, diz-nos que a data de *El Malagón* é idêntica a qualquer das datas consideradas para a Vinha da Soutilha. Por outro lado, a data mais recente da Vinha da Soutilha é estatistica-
- mente idêntica, não só à de El Malagón, mas também à da tholos de Los Millares, povoado de Santa Justa, povoado de Los Millares, tholos de El Barranquete, povoado do Zambujal e câmara ocidental da Praia das Maças.*
- Não existe, assim, uma diferença cronológica tão acentuada entre estas diferentes estações do Sul e Norte da Península, quanto a comparação empírica das médias deixa pressupor. As principais diferenças são, obviamente, de ordem cultural, e essas serão objecto dum estudo exaustivo a publicar brevemente.
- (51) Algumas dessas analogias tipológicas: as pontas de seta, de base recta ou côncava, podem assumir, neste último caso, a forma «mitriforme», característica de contextos habitacionais de tipo V.N.S. Pedro. Os pesos de tear em cerâmica, de forma sub-retangular têm duas perfurações em cada extremidade, como ocorre em muitos povoados calcolíticos da Estremadura, Sudoeste ou Sudeste. As formas cerâmicas, predominantemente esféricas, são decoradas segundo padrões comuns a alguns recipientes de contextos calcolíticos das regiões acima mencionadas. É de referir a presença em um dos povoados dum recipiente decorado segundo o modelo clássico da «face oculada», bem característico de contextos de tipo Los Millares, embora esta fórmula tenha sido recentemente reconhecida, em vasos cerâmicos provenientes de múltiplas estações espalhadas por quase toda a Península.
- (52) Sobre os «habitats» das populações que tumulavam nos sepulcros com «tumulus» v. Jorge, V. O. (1983/84), *Megalitismo...* (nota 46), pp. 44-45.
- (53) Esse aparente regionalismo não terá impedido a essas populações de estabelecer redes de contactos com regiões distantes, como o sugere a presença nos túmulos de matérias-primas raras ou ausentes no local, como o sílex, ou mesmo, a obsidiana. Sobre a presença da *obsidiana* na serra da Aboboreira v.: Jorge, V.O. (1984), Escavação da Mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira — Amarante), *Arqueologia*, nº. 9, p. 19.
- (54) Neste caso se poderia incluir a Mamoa 1 da Abogalheira (V. nota 14), se a data de C14 se vier a confirmar, pela obtenção de outras datas quer para o mesmo monumento, quer para outros sepulcros da mesma necrópole
- (55) V. nota 2: Jorge, V.O., 1982, *Megalitismo...*, p. 793.
- (56) Lopez Cuevillas, F. (1925), As mámoas do concelho de Lobera. Contribución o estudo do Megalitismo galego. *Boletín de la Real Academia*

- Gallega*, XV, ano XX, nº. 170-171, pp. 25-39.
- (57) Delibes de Castro, G. (1985), El Calcolítico. La aparición de la metalurgia (Cap. III) in *Historia de Castilla y Leon*, 1, *La Prehistoria del Valle del Duero*, p. 42.
- (58) Esta mesma ideia é sugerida por Santonja, M. (1983/84), El fenomeno megalítico en el SO de la region del Duero. *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Portugalia*, Nova Série, vol. IV/IV, pp. 60-62.
- (59) Por exemplo, nos sepulcros de S. Martinho de Sintra ou do Monge (Leisner, V., 1965) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel-Der Westen* (Walter de Gruyter e Co. ed., tafel 32 e 66).
- (60) V. nota 49; Hodder, Ian (1979), Economic and social stress and material culture patterning, *American Antiquity*, nº. 44, 3; idem (1982), *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*, «New Studies in Archaeology» (Cambridge Univ. Press).
- (61) Scarre, Chris (1984), The Neolithic of West-Central France; A Survey of the French Neolithic in *Ancient France* (C. Scarre ed.).
- (62) V. nota 2.
- (63) Jorge, V.O. (1980), Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, (Serra da Aboboreira - Baião), *Portugalia*, Nova Serie, vol. 1.
- (64) Blas Cortina, M.A. de (1985), Priedrafita V. Nuevos aspectos sobre el polimorfismo de las arquitecturas funerarias prehistoricas en el N-NO de la Peninsula Iberica (neste volume).
- (65) V. nota 46. A necrópole do Tapado da Caldeira ter-se-á implantado num local habitacional que forneceu, nas terras revolvidas, além de cerâmica campaniforme (pontilhado geométrico e inciso de tipo Ciempozuelos), vários artefactos líticos, provavelmente contemporâneos. Assim, é provável que o povoado da Bouça do Frade tenha sido precedido na área por um «habitat» campaniforme, ou mesmo anterior, situado numa plataforma mais baixa, que dominaria o vale do ribeiro do Frogueirão. De qualquer forma, não encontramos estruturas preservadas, nem abundante material, de molde a podermos caracterizar o tipo de povoamento nesta zona.
- (66) A interpretação da funcionalidade das fossas abertas no saibro descobertas na Bouça do Frade depende da avaliação de diversos factores em conjunto: diâmetro/profundidade, forma, enchimento interior, condições de formação e características do nível arqueológico que as cobre e onde foram abertas, contexto arqueológico da estação onde estão incluídas. No nosso povoado, as fossas podem ser agrupadas em dois grupos: a) lareiras e b) silos e/ou fossas detriticas. Adentro do segundo grupo, existem ainda variantes quanto ao diâmetro e forma. A discussão sobre esta classificação será objecto, em breve, dum estudo mais profundo que abarcará a funcionalidade destas estruturas aparecidas quer no Norte de Portugal, quer na Meseta. O facto de adoptarmos uma caracterização habitacional para as estruturas do povoado da Bouça do Frade, não impede que não admitamos a possibilidade de estas estruturas terem sido construídas ou reutilizadas pontualmente, em outros contextos, para tumulações. Na Meseta, conhecemos, por ex., o caso da tripla inumação numa fossa em San Román de la Hornija (V. Delibes de Castro, G., 1978, Una inhumación tripla de facies Cogotas I en San Román de la Hornija (Valladolid), *Trabajos de Prehistoria*, vol. 35).
- (67) Referimo-nos à cerâmica de «tipo Baiões», a qual, juntamente com cerâmicas carenadas brunidas de «tipo Alpiarça» também ocorre, no concelho de Baião, no povoado de Castelo de Matos (Queiroga, F., 1984, Escavações arqueológicas em Castelo de Matos - notícia preliminar), *Arqueologia*, nº. 9, fig. 11. Agradecemos todas as informações suplementares a F. Queiroga.
- (68) V. nota 19; Fernández-Posse, M.D. (1982), Consideraciones sobre la técnica de Boquique, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 39.
- (69) Fernández Manzano, J. (1985), La edad del bronce. La consolidación de la metalurgia y sus implicaciones socio-económicas (cap. IV) in *Historia de Castilla y Leon*, 1, *La Prehistoria del Valle del Duero*.
- (70) Ruiz-Galvez Priego, M. (1984), Reflexiones terminológicas en torno a la edad del Bronce Peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 41.
- (71) Jühngans/Sangmeister/Schröder (1968), *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas*, S.A.M., 2; Craddock, P.T. (1980), The composition of Iberian Bronze Age metalwork in the British Museum, *British Museum Occasional Papers*, nº. 17.
- (72) Monteagudo, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, P.B.F., IX, 6, Coffyn, A. (1982), *Le Bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique* (Université de Bordeaux III) (tese de doutoramento inédita).
- (73) V. nota 70.
- (74) Schubart, H. (1972), Acerca de la cerámica del Bronce tardío en el Sur y Suroeste peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, nº. 29; idem (1975), *Die Kultur der bronzezeit im Südwesten der*

Iberischen Halbinsel, Walter de Gruyter e Co. ed.; idem (1983), La cultura de «El Argar». *Revista de Arqueologia*, nº5. 24/26.

(75) Molina González, F. (1978), Definición y sistematización del bronce tardío y final en el su-
deste de la Península Ibérica, *Cuad. Prehist. Univ. Granada*, 3.

(76) Jorge, S.O. (1983/84), Aspectos da evolução

pré-histórica do Norte de Portugal durante o
III^o. e o II^o. milénios a.C., *Actas do Colóquio
Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste,
Portugalia*, Nova Série, vol. IV/V.

(77) Coffyn, A. (1982), *Le Bronze final atlantique
dans la Péninsule Ibérique* (Université de Bor-
deaux III) (tese de doutoramento inédita).

(78) V. nota 77, t. I, pp. 156-239.

RÉSUMÉ

Ce travail présente une analyse critique de 40 datations absolues par le C14 provenant de 17 stations archéologiques du Nord du Portugal (Beira Septentrional, Douro Litoral et Trás-os-Montes), concernant des sépultures (sépultures avec or sans tumulus) et des habitats, du IV^{ème} au I^{er} millénaire a.C..

Il est prouvé que les plus anciens monuments mégalithiques datés avec certitude (chambres simples sous tumulus) se situent pendant la seconde moitié du IV^{ème} millénaire a.C.. Ils occupent normalement des plateaux élevés.

Aux alentours de 3000 ans a.C., il semble que dans cette vaste région il se soit développé un polymorphisme architectural qui se manifeste par l'existence de dolmens simples, de dolmens à couloir et, dans un cas, de fosse sous tumulus. Le matériel est pauvre, constitué par des microlithes géométriques, quelques objets polis, de perles de collier et des fragments de céramique lisse. Bien que nous n'ayions pas de preuves par des datations absolues, on peut penser que les sépultures sous tumulus ont pu être bâties et/ou utilisées pendant le III^{ème} millénaire ou même au début du II^{ème} millénaire a.C.. On ne connaît pas les habitats contemporains des premiers mégalithes.

C'est au cours du III^{ème} millénaire a.C. que nous avons trouvé les premiers habitats sédentaires datés, sur

les pentes qui bordent le cours des rivières importantes. L'outillage domestique est diversifié. La céramique est abondante et richement décorée. Tout ce matériel présente quelques ressemblances typologiques avec celui qui a été recueilli au Sud de la Péninsule, dans des contextes contemporains.

Bien qu'il y ait des indices d'une certaine contemporanéité entre les monuments sépulcraux sous tumulus (monuments mégalithiques ou «cairns») et les habitats datés, il n'existe pas de preuves que les premiers ont été construits ou utilisés par ceux qui fréquentaient les seconds, en raison de la totale disparité typologique qui existe entre les outillages récoltés dans les deux cas.

Au cours de la deuxième moitié du II^{ème} millénaire a.C. apparaissent des sépultures plates, probablement des inhumations individuelles. Elles se situent à proximité d'un habitat daté, avec de grandes structures en fosses (silos? fosses détritiques?), dont le *terminus adquem* atteint le VIII^{ème} siècle a.C.. Sur le plan local, cet ensemble — sépultures-habitat — reflète un tournant important, non seulement du point de vue funéraire, mais aussi qui concerne le rapport — habitat, milieu naturel — par l'existence de structures de grandes dimensions qui semblent être des silos.